

Projeto Conhecimento Entre Colunas

OUTUBRO DE 2024 - ANO II - Nº 006

O CULTO AO CUBO NEGRO DE SATURNO

AINDA NESTA EDIÇÃO:

A ÁRVORE *Otz Daath*
DA MORTE

meu nome histórico é ...
FREI
CANECA

e mais:

O SIMBOLISMO DA LUA CHEIA • ESQUADRO E COMPASSO • A INSTRUÇÃO
E A TOLERÂNCIA COMO INSTRUMENTOS PARA A LIBERDADE • O SISTEMA
DE JACOB BOHEME E A MAÇONARIA • SINTESE DO GRAU DE
COMPANHEIRO MAÇOM • CAMINHO DA LUZ - 4º GRAU

EDITORIAL

Meus Amados Irmãos!

Estamos juntos e contínuos nesta luta árdua, em pleno combate a ignorância e em prol do conhecimento coletivo e compartilhado.

Este sempre foi o princípio norteador deste Projeto, que graças ao esforço de vários irmãos locais inicialmente e que hoje tem abrangência sem limite.

O conhecimento é uma capacidade que é adquirida ao longo do tempo, ou seja, ninguém nasce com conhecimento. Engana-se quem pensa que ele diz respeito apenas a dados, documentos e informações com as quais se tem contato durante o período escolar. Na verdade, a escola e o tempo de estudo nessas instituições são sim responsáveis por oferecer conhecimento para quem os frequenta; no entanto, essa não é a única forma existente de se adquirir conhecimento.

Mas por que é importante ter conhecimento? Bom, uma pessoa sem conhecimento, nos dias de hoje, não chega a lugar nenhum. Para entender isso, basta analisar a evolução dos dois últimos séculos, durante os quais a tecnologia tomou conta e se tornou predominante em todos os lugares. Diante disso, é preciso um mínimo de conhecimento para entender como todas essas novidades funcionam, quais são as suas utilidades e as funções que desempenham. Para manipular um celular, por mais simples que seja, é preciso um pouco de conhecimento, e como todo mundo sabe e já percebeu, a tecnologia está em toda a parte, sendo que já não é possível mais viver sem ela.

Existe um ditado popular que todos falam “**Conhecimento nunca é demais**” e isso é mais do que verídico o conhecimento não só ajuda a ser mais inteligente/informado, ajuda na sua própria formação como pessoa, reflete muito na sua vida tanto no presente como no futuro.

Nesta edição finalizamos uma etapa importante do projeto, este agora alçará voos livres, esta é a última edição apoiada e patrocinada pela ARLS FANOEL – 2235, a partir da próxima edição toda a produção e administração ficará sob a responsabilidade da coletividade de autores.

Bom trabalho a todos nós!

EXPEDIENTE

Editor: Ir.: Fábio C. de O. Neves

Tel: (91) 98831-8131

E-mail: projetoconhecimento.fanoel@gmail.com

Redação: Ir.: Dhyego Alessandro Costa

Tel: (91) 99172-5011

As opiniões expressas pelos autores nos artigos individuais não representam a orientação e pensamento da direção da Revista, muito menos da loja FANOEL.

Para qualquer informação, escreva para projetoconhecimento.fanoel@gmail.com ou entre em contato com a redação.

Para o mesmo endereço de e-mail, é possível enviar suas contribuições exclusivamente em formato Word.

Agradecemos a todos os irmãos que contribuíram com o conteúdo da revista com seu trabalho nesta edição.

ÍNDICE

CAPA – O CUBO DE SATURNO.....	02
CAPA – OTZ DAATH – A ÁRVORE DA MORTE	05
ESQUADRO E COMPASSO.....	09
A INSTRUÇÃO E A TOLERÂNCIA COMO INSTRUMENTOS PARA A LIBERDADE.....	11
O SISTEMA DE JACOB BOHEME E A MAÇONARIA....	13
SINTESE DO GRAU DE COMPANHEIRO MAÇOM.....	17
CAMINHO DA LUZ – 4º GRAU.....	21
O SIMBOLISMO DA LUA CHEIA.....	22
MEU NOME HISTÓRICO: FREI CANECA.....	25
OS AUTORES.....	29



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235
 FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
 JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO
 PARÁ
 TV. PADRE EUTÍQUIO, 837

por: Dhyego Alessandro F. da Costa

Não.

É melhor que não seja real.

É melhor encarar tudo o que você vai ler daqui em diante como uma ficção, talvez, uma fantasia ou até mesmo uma grande Teoria de conspiração, porque as coisas que irei lhe apresentar traz referências tão absurdas, que é melhor que você encare tudo como algo fantasioso. Assim, poderá ficar em paz consigo mesmo e não precisará refletir sobre o que está apresentado aqui, e menos ainda, enxergar a realidade que lhe toca nessa vida, a única vida que é, de forma diferente. Vamos lá.

Você já parou para pensar sobre o que realmente está por trás dos símbolos que cercam nossa sociedade?

O Cubo Negro, uma enigmática representação, tem se mostrado uma chave poderosa para desvendar os segredos que as elites mantêm em sigilo, conectado a Saturno. Essa figura não é apenas um objeto, mas um portador de significados profundos e influências ocultas que moldam nossa realidade ao longo da história.

Civilizações antigas veneravam Saturno, sempre associando a ciclos de vida: morte e renascimento, mas o que isso tem a ver com a nossa vida moderna?

O Cubo Negro se manifesta em diversas formas, como na arquitetura monumental em algumas cidades, religiões, nas notas de dinheiro e até mesmo nas músicas que ouvimos. Mas será que estamos realmente cientes do que esses símbolos representam? Vamos analisar e explorar como a elite global utiliza essas representações para controlar e manipular a percepção coletiva e qual nosso papel dentro desse grande tabuleiro.

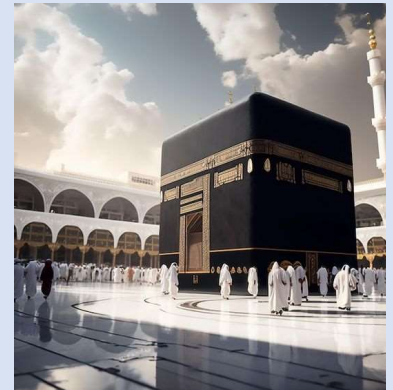
Sua origem remonta a civilizações antigas onde era frequentemente associado a divindades e a conceitos de ordem e caos, mas o que exatamente representa esse cubo? Para entender sua profundidade precisamos mergulhar na história e nos mitos que o cercam, especialmente em relação a Saturno.



Representação de Saturno pelos egípcios

Na mitologia romana, Saturno era o deus da agricultura, do tempo e da Liberdade. Ele simbolizava a colheita, mas também a inevitabilidade do ciclo da vida e da morte. Em muitas culturas, incluindo a grega, Saturno é associado a Cronos, o titã que devorava seus filhos representando a passagem do tempo e a perda inevitável. O Cubo Negro, portanto, faz parte desse legado simbólico representando a estrutura rígida sob a qual a vida se desenrola. No antigo Egito, por exemplo, o cubo era visto como uma representação do universo material, enquanto no Islã, a Caaba, uma construção cúbica em Meca, é um ponto de referência espiritual e um símbolo de unidade.

Essa versatilidade do Cubo Negro demonstra que ele não é apenas um símbolo estático, mas um canal de poder e influência que transcende fronteiras culturais. À medida que a civilização evolui, o Cubo Negro continua a ser um elemento presente nas práticas ocultas sendo utilizado por sociedades secretas, religiões e pela Elite que se esconde nas sombras, assim ela se apropria desse símbolo para perpetuar seu controle, utilizando em rituais e em representações artísticas que frequentemente passam despercebidas pela massa. No entanto, é crucial questionar: Por que o Cubo Negro é tão atraente para aqueles que detêm o poder? A resposta pode estar relacionada ao seu significado de controle e estrutura, pois ele representa a limitação, mas também a possibilidade de transformação.



Templo de Caaba – Meca (Islã)

Quando olhamos para as nossas vidas percebemos que muitas vezes estamos presos em padrões que se assemelham a um cubo, essa ideia de aprisionamento leva à

CHRISTUS
corretora de seguros
Desde 1993 protegendo suas conquistas

91-98335-5453
91-98123-0366

seguroschristus@yahoo.com.br

91-3222-6654 / 3241-2986

uma reflexão profunda sobre a relação entre o símbolo e a nossa realidade, nos levando a explorar a conexão entre o Cubo e Saturno.

Mas, afinal de contas, qual a real ligação entre o Cubo Negro e Saturno? Vamos lá:

Em 1977, a NASA lançou a sonda espacial Voyager 1, que nos permitiu observar Saturno de perto. Quando a sonda passou pelo planeta, ela capturou imagens de uma anomalia no hemisfério norte de Saturno: um hexágono negro, gigantesco, formado nas nuvens de sua atmosfera. Um fenômeno inexplicável e fascinante, que parecia desafiar todas as leis da física que conhecemos. O que é curioso é que essa forma hexagonal já era conhecida por povos antigos, muito antes de termos a tecnologia para observá-la.

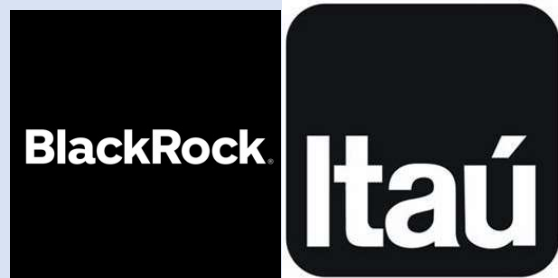


O hexágono e a simbologia do cubo negro estão profundamente enraizados nas tradições esotéricas, e as Elites se apropriaram desse símbolo como uma representação de seu poder e controle. As entidades "secretas" que veneram Saturno e o Cubo Negro, não são apenas organizações ocultas. Eles têm participado de muitos eventos da humanidade desde os primórdios, deixando fragmentos de sua adoração e símbolos espalhados pelo mundo. Monumentos de cubos negros foram erguidos em lugares estratégicos, como o monumento em Copenhague, na Dinamarca, o Memorial das Torres Gêmeas em Manhattan, e até na Austrália, na cidade de Adelaide.



Estes são apenas alguns exemplos de como eles marcam territórios e deixam sinais de seu domínio. E não são apenas monumentos. A simbologia do cubo negro também aparece em logotipos de grandes corporações que, talvez não por coincidência, são poderosas ferramentas de controle sobre

as massas. O logo da BlackRock, uma das maiores gestoras de ativos do mundo, traz essa simbologia em seu design. O mesmo vale para o Banco Itaú, com seu quadrado escuro, a XP Investimentos e até a Boeing.



Todas essas instituições pertencem ao mesmo grupo de poderosos, aqueles que controlam a economia, a tecnologia e, por consequência, as vidas de milhões.

Saturno, uma das figuras mais intrigantes da mitologia é frequentemente visto como o Senhor do Tempo, o guardião dos ciclos e a personificação da inevitabilidade. Em sua essência, Saturno nos ensina sobre a dualidade da vida, como a criação e a destruição, a expansão e a contração, a liberdade e o controle.

Na mitologia romana Saturno não é apenas um deus agricultor ele é o símbolo do tempo que nos devora. A assustadora imagem de Cronos devorando seus filhos, de Goya, reflete a cruel realidade da passagem do tempo que nos lembra que nada é permanente, cada ciclo, desde o nascimento até a morte, é marcado por transformações que são inevitáveis, além disso, Saturno também é associado a disciplina e responsabilidade.



Saturno devorando um filho
(Francisco Goya)

CHRISTUS
corretora de seguros
Desde 1993 protegendo suas conquistas

91-98335-5453
91-98123-0366

seguroschristus@yahoo.com.br

91-3222-6654 / 3241-2986

A rigidez que Saturno impõe nas estruturas sociais pode ser um mecanismo de controle, mas também pode servir como uma ferramenta de empoderamento pessoal ao refletir sobre a nossa relação com o tempo, somos convidados a questionar como estamos moldando nossos próprios ciclos de vida. Estamos de fato vivendo de acordo com nossas próprias escolhas ou estamos presos em um ciclo imposto pela Elite, por meio de uma bolha cultural, em que os algoritmos ditam as regras de quem nós somos, do que gostamos, do que consumimos, do que pensamos, do que fazemos e onde fazemos. O impacto cultural do Cubo Negro, não é apenas um símbolo oculto, ele permeia a nossa cultura de forma sutil e profunda, muitas vezes, sem que nos demos conta, desde a arte até a música, passando pela arquitetura.

Esse enigmático símbolo se apresenta como um reflexo das dinâmicas sociais e das influências da Elite moldando a maneira como percebemos o mundo ao nosso redor. Aqui, dileto leitor, convido para explorar como o Cubo Negro se manifesta na cultura popular e qual é o seu verdadeiro significado por trás das aparências, um exemplo



notável da presença do cubo negro na cultura contemporânea é a capa do álbum "Xscape" de Michael Jackson, ao olhar para essa ilustração, somos confrontados com a imagem de um cubo envolto em mistério que evoca a

sensação de aprisionamento e ao mesmo tempo libertação. Essa dualidade é uma característica fundamental do Cubo Negro que representa, não apenas as limitações impostas pela sociedade, mas também a possibilidade de o transcender.

Artistas como Michael Jackson, utilizam símbolos ocultos para comunicar mensagens mais profundas convidando o público a questionar as realidades que o cercam. Além da música, o Cubo Negro se infiltra na arquitetura das cidades. Estruturas urbanas projetadas com base em formas cúbicas podem ser vistas como um reflexo do controle social onde a rigidez das linhas e a simetria dos edifícios evocam uma sensação de ordem e conformidade.

Essa homogeneidade arquitetônica pode parecer inofensiva, mas sutilmente, sugere uma conformidade coletiva que é moldada pela Elite. A escolha de padrões de design frequentemente se relaciona com a manipulação da percepção pública criando um ambiente que reforça a ideia de controle e limitação.

Conspiração, delírios e fantasia ou não, o fato é que essa forma está presente em muitos locais, em muitos símbolos e ritos que nos circundam, mas é necessário ter

olhos para ver e não somente para enxergar, afinal, símbolos são uma metalinguagem que nos propõe algo que não está em nossa realidade, que não é palpável, que não é tangenciável. O que seria? Inteligência? Conhecimento? Luz? Poder? Não sabemos, mas é notável que neles há um grito sendo brandido, porém ele tem caído em ouvidos surdos.

Finalizo com uma frase de Carl Jung para uma reflexão:

“Em um universo repleto de mistérios, os símbolos falam mais alto do que as palavras”.

CHRISTUS
corretora de seguros
Desde 1993 protegendo suas conquistas

91-98335-5453
91-98123-0366

seguroschristus@yahoo.com.br

91-3222-6654 / 3241-2986

por: Richard Dylan Silva

1. A ÁRVORE DA MORTE

O estudo dos diagramas conhecidos como Arvore da Vida (Otz Shiin) e Arvore da Morte ou do Conhecimento do Bem e do Mal (Otz Daath) participam daqueles métodos de difícil fundamentação documental histórica, tal quanto tantos outros tratados teológicos que em sua base se fundam na fonte divina. Neste sentido, a principal referência para criação do diagrama da arvore viria do Sepher Yetzirah, tratado cabalístico que descreve a criação do universo através dos números (*cifras*) e que referência a existência da dualidade em na sua essência polarizando nas conchas (*cascas*), contudo o estudo da arvore só veio a se desenvolver nos séculos XII e XVII, durante o auge da alquimia, pensadores como Abraham Abulafia (Sec. XII) buscavam traduzir os tratados teológicos do hebraico para o latim, possibilitando a exploração do tema, algo que foi amplamente exaurido por Giovanni Pico della Mirandola (Sec. XV) trazendo uma ótica neo-platônica e cristã ao conteúdo, mais tarde através de Cornelius Agrippa e Paracelso (Sec. XVI e XVII) desenvolveram a Cabalá Hermética a tal ponto de acesso que hoje temos diversas obras de autores não-judaicos sobre o assunto. No mesmo período, outras obras de uma linha denominada “caminho da mão esquerda” também começaram a ser produzidas com foco cabalístico em símbolos míticos cristão e judaico, os famigerados “demônios” que aqui serão representados como “daemons” ou gênios do inconsciente coletivo e individual. A título de fundamentação, temos tratados como De Occulta Philosophia de Cornelius Agrippa tratando sobre o mundo espiritual, magia e demonologia, A Chave Menor de Salomão, de autoria desconhecida embora atribuída ao próprio Rei Salomão, sendo uma das principais ilustrações das imagens demoníacas e Mysterium Magnum de Jakob Böhme que através do seu profundo estudo do confronto da luz e das sombras, caracterizou mitos e divindades, outras obras envolvem grimórios e tratados de cunho satânico e ocultista com personagens antagonicos ao imaginário cristão. Neste universo cultural, nasce Thomas Karlsson em 1972, Estocolmo, Suécia, que reuniu grande estudo cabalístico acerca do caminho da mão esquerda, produzindo obras como “Qabala, Qliphoth e Magia Goética”, “O lado negro das Runas” e outras que darão luz as imagens descritas neste artigo, para

simbolizar os gênios que dominam cada casca da arvore da morte.

2. AS 10 CASCAS E OS VÍCIOS DO MESTRE MAÇOM

Na “Cabala Draconiana” de Thomas Karlsson, fundador da “Ordo Drakonis et atri Adamantis”, ou simplesmente Dragon Rouge, as 10 cascas representam o outro polo das sephiroth, enquanto estas representam virtudes nucleares da arvore da vida, as qliphoth representam os vícios da arvore da morte, para cada ato de graça, um impeto que nos arrasta ao centro de nosso ego, tornando o ser um escravo de suas emoções corporeas. Contudo, a prisão não é eterna, identificar esses domínios trevosos, pressupõe lhes dominar, para a Dragon Rouge, o neófito abraça esses daemons na busca de se tornar o Deus de si mesmo, para nós maçons, esse processo vislumbra conhecer a si próprio e dominar os elementos que nos tornam criaturas falhas.

2.1. 1ª CASCA (QLIPHAH) – LILITH E O VÍCIO DA FRAQUEZA.



O Zohar, importante texto do misticismo judaico, sendo a releitura desvelada da Torá, serviu para reprodução de outros tratados que exploravam a mitologia judaica, dentre eles o “Alfabeto Ben Sirá” ilustrando a imagem de Lilith, como primeira esposa de Adão, nascida do mesmo material e possuidora de um grande senso de independência e rebeldia. Não aceitou ser submissa ao primeiro homem, e por isto, fugiu do jardim do eden e tendo relações com o anjo caído Samael, no qual proliferou diversos demônios chamados Succubus e Incubus.

O confronto a Lilith, passa a abarcar traumas na fase infante de nossa vida, enraizadas numa opressão social e paternal que marginaliza anseios e instintos na psique humana, germinando profundas correntes mentais que nos limitam em sermos protagonistas do nosso próprio universo ativo, tomando uma postura curvada de autossabotagem e depreciação, o mestre maçom que passa a ver as decisões serem tomadas sem sua participação, se acomoda em ser apenas uma luz fraca na Loja, quase apagada. Jorge Adoum aponta a necessidade de dominar o próprio elemento, que para Jung seria a sombra velada no inconsciente, que ao ser vencida, leva o mestre alcançar liberdade e excelência e em sua liderança, toma do poder emponderado de Lilith para resplandecer o que antes era fraca luz, se transfigurando em um autêntico astro guia.

Falas comuns: “Prefiro não apresentar peça de arquitetura, não gosto de falar em público”; “Prefiro não assumir cargos, dá muito trabalho”.

2.2. 2ª CASCA (QLIPHAH) – OROBAS/GAMALIEL E O VÍCIO DA MANIPULAÇÃO.



No grimório “A Chave Menor de Salomão”, Orobas é retratado como um Poderoso Grande Príncipe do Inferno, que se manifesta na forma de um cavalo humanoide, portando uma espada e uma balança, ambas símbolos da justiça, este concede grande ensinamento sobre o passado, presente e futuro, assim como as ferramentas para manipular seres e eventos. O mestre que fraqueja sob as influências de Orobas, acredita ser melhor que os outros irmãos e estes, representam apenas peões para sua manipulação, pontes para os seus verdadeiros objetivos, nada além disso, não é difícil para este mestre trair e usar os outros.

Falas comuns: “*Vou com o irmão fulano, porque ele paga todas as contas*”, “*O que você sabe sobre esse assunto irmão? Preciso apresentar uma peça e tô sem ideia (replica exatamente o que escuta, como se fosse conhecimento próprio)*”.

2.3. 3ª CASCA (QLIPHAH) – SAMAEL E O VÍCIO DA ATROFIAÇÃO.



A obra “Alfabeto Ben Sirá” conta ainda que após a fuga de Lilith, esta conheceu o anjo caído Samael, representação da morte encarnada, a união de ambos gerou os demônios libidinosos. Samael representa em uma de suas traduções hebraicas “O Veneno de Deus” e em outras remetendo ao ciclo de morte e ressurreição.

Durante o processo de iniciação, o aprendiz desprende-se de sua antiga carcaça para reencarnar como um novo ser, desconstruído de sua antiga existência, quando exaltado a Mestre, uma morte ainda mais severa lhe aguarda, um crivo ainda mais rígido quanto aos vícios que ainda permaneceram durante a peregrinação nos graus anteriores, contudo, muitos mestres não se renovam, temem a perda dos antigos costumes profanos, alimentando e preservando a imagem deturpada de um indivíduo sem evolução.

Falas comuns: “*Tô pensando em adormecer, as sessões estão atrapalhando a minha rotina*”; “*Não largo a minha cervejinha de domingo, depois eu pago a mensalidade*”.

2.4. 4ª CASCA (QLIPHAH) – A’ARAB ZARAQ E O VÍCIO DA EXPECTATIVA



Manifestado através dos corvos da dispersão, cada pássaro voa numa direção, um busca o caminho do mundo como realmente é em um inconsciente coletivo e o outro voa na direção individualista, confrontar ambos representar compreender o que é verdadeiro e o que são nossas percepções desta verdade, influenciadas pelos aspectos que nos rodeiam.

No constante conflito entre o Eu Ideal e o Eu Real, o mestre maçom engana a si mesmo, projetando qualidades que só existem em sua fala, mas não as pratica, até sua visão de mundo é distorcida, projetada por expectativas que em muito resultam na decepção deste, por não buscar compreender o mundo como realmente é, contudo, confrontar essa casca, resulta na desintegração das aparências, onde a luz pura da verdade ilumina as sombras da expectativa.

Falas Comuns: “*Quando eu for Venerável Mestre, tudo vai ser diferente.*”; “*Entrei na maçonaria pra conseguir prestígio e poder*”.

2.6. 5ª CASCA (QLIPHAH) – THAGIRION E O VÍCIO DO EGO INFLADO



O gênio manifesto do orgulho e da ambição inflamada, exalta nas almas mais fracas o desejo incontrolado pelo poder, criando verdadeiros tiranos promulgadores da ganância profana.

O mestre maçom exaltado pelo sucesso material, acredita estar acima dos demais “irmãos”, este tem um olhar sempre depreciativo aos demais, tenta a necessidade constante de se auto validar. Confrontar Thagirion, é assumir o problema de depender dos fatores externos para afirmação da autoimagem, é buscar um caminho de humildade, reconhecendo que o essencial não está nos bens materiais, títulos ou poder.

Falas comuns: “*vejam!!! sou grau 33*”; “*maçonaria não é para quem não tem dinheiro*”.

2.7. 6ª CASCA (QLIPHAH) – RIMMON E O VÍCIO DO DESIQUILÍBRIO EMOCIONAL



Simboliza a instabilidade e o desequilíbrio emocional, intensificando os ímpetos que tomam controle de todas as ações do indivíduo que age de forma agressiva e desenfreada. O mestre maçom que reage de forma explosiva a qualquer contra argumento, age de forma ríspida justificando a postura bruta como necessária ao processo de educação que tiveram em casa, perante seus pais. Confrontar Rimmon, significa meditar silenciando todas as vozes íntimas que instigam o ódio rutilante no ser, ponderando suas ações de forma pacífica e comedida.

Falas Comuns: “Me respeite seu moleque, eu sou Grau 33!!”, “Tem que reunir uma galera, e encher aquele irmão de porrada!!”

2.5. 7ª CASCA (QLIPHAH) – NAAMAH E O VÍCIO DA LUXÚRIA



Segunda esposa de Samael, conforme o Alfabeto Ben Sirá, relação que gerou uma terceira ordem de demônios libidinosos. Naamah encantava peregrinos no deserto, levando-os a tentação de cometer adultério, caso houve consumação do ato, Naamah se transformava em um grande monstro de asas de aparência de morcego, devorando suas vítimas, conforme o mito hebreu.

O mestre adúltero que mesmo tendo uma relação, cobiça a mulher do próximo, inclusive do próprio irmão. No seu entendimento, é orgulhoso passar uma imagem de conquistador, tendo a mulher apenas como um objeto de prazer, seus ímpetos libidinosos porém exploram muitos outros ramos, sendo um completo escravo dos seus desejos. Confrontar Naamah é ter domínio pelo desejo exaltado e como bem observa Imanuel Kant bem “a liberdade é fazer aquilo que não se quer”.

Falas Comuns: “Olha aquele mulherão ali, meu irmão”, “Que linda a cunhada, tomara que ela seja infiel”.

2.8. 8ª CASCA (QLIPHAH) – MOLOCH/SALATIREL E O VÍCIO DO FANATISMO



O Deus canaceu representado como um touro dourado com as mãos erguidas sobre o fogo, que concede vigor e prosperidade para aqueles que sacrificam em seu nome, ganha um aspecto mais profundo no inconsciente, a renúncia aqui são dos valores internos e da ética, contrafortar-lo exige se abster das imposições externas e agir de forme genuína. O mestre maçom que alimenta o vício da idolatria, tem na sua maior manifestação o fanatismo teológico, julgando que o “seu Deus” é maior que os de outras sendas, seus comentários sempre alusivos apenas a sua religião, teme que essa seja contradita, o fanatismo contudo não se limita aí, não é incomum o maçom fanático por time de futebol, ideologia política ou mesmo título ou grau maçônico.

Falas Comuns: “Não perco por nada o jogo do time”, “Se o meu presente estivesse no poder, as coisas seriam diferentes”, “Segundo o meu livro sagrado”.

2.9. 9ª CASCA (QLIPHAH) – GHAGIEL E O VÍCIO DA INCERTEZA



Assim como Chorozon, guardião que bloqueia a entrada de Daath para os planos qliphóticos, Ghagiel também produz confusão psicológica e loucura para aqueles que se atrevem a confrontar-lo, se manifesta como gênio do caos e da desordem mental.

Situado em momentos de indecisão, o mestre maçom desordenado não detêm mais poder de escolha ou mesmo propósito em Loja e na vida, com o psiquê fragmentado, este perde o sentido de ser maçom, implicando muitas vezes numa postura imoral ou sem ética, tem medo de tomar escolhas importantes e mantêm uma vaga e confusa presença. Confrontar Ghagiel exige que o mestre tome os desafios como oportunidades de escolha, volte a reger o controle de sua vida, sendo assertivo e confiante nas suas decisões e compreensivo perante os resultados.

Falas Comuns: “Será que vou pra sessão hoje?”, “Não sei se estou preparado para esse cargo”.

2.10. 10ª CASCA (QLIPHAH) – ZARAZEL/THAUMIEL E O VÍCIO DA SUPERFICIALIDADE



Thaumiel ou Zarazel conforme a obra “Cabala Draconiana, de Adriano de Camargo” representam anjos gêmeos da alienação, que afastam por completo a conexão com o divino e a perda de significado próprio. Carl Jung despreendeu todo seu estudo voltado para o encontro com a individuação, o florescer da autenticidade do verdadeiro Eu, a superficialidade, no sentido de desencontro com o íntimo, aluz ao pior dos vícios. Uma vida ausente de significado próprio, sendo instrumento de vontades terceiras. O mestre superficial, adentra a maçonaria por empolgação mundana, e lá dentro, alimentar todos os outros vícios aqui citados, pois sua vontade é rasa, eventualmente pede para adormecer tecendo severas críticas a ordem, pois nunca despreendeu o mínimo esforço de fazer a sua parte.

Falas Comuns: “Não tô muito a fim de ir pra Loja hoje não”, “Maçonaria é um local de hipocrisia e arrogância”, “A administração dessa Loja tá muito ruim, vou me afastar”.

3. CONCLUSÃO

O decurso da jornada maçônica, principiando no grau simbólico de aprendiz já nos ilustra bastante da realidade viciosa de muitos mestres, dar-se ênfase na importância do silêncio e do saber ouvir, mesmo que de forma abstrata, visto que muitos mestres não tiveram essa visita ao centro íntimo e muito menos lapidaram a pedra filosófica de cada um contudo, o objeto desta peça é justamente quebrar esse elo que vem perpetuando em muitas Lojas. O encerramento deste ciclo vicioso se inicia de forma individual, apesar da facilidade de observar essas falhas em outros irmãos, a tarefa se torna árdua quando voltamos as setas para nós mesmos, identificar cada traço das 10 cascas aqui propostas é a primeira camada de cura ao controle que estas nos submetem, quando bem iluminadas podemos dar início a tomada de uma postura ilibada e ética, através da autenticidade e desconstrução dos fatores externos que nos impactam desde a infância, traumas que na maturidade ganham uma proporção muito maior, são inacessíveis para muitos dos não iniciados. Por isso, os maçons devem se destacar como seres purificados de corpo e alma, comprometidos com a verdade interior. Em um mundo materialista, onde os valores superficiais prevalecem, a Maçonaria deverá oferecer um espaço sagrado para a reflexão e crescimento pessoal. Os maçons, como mestres do seu

próprio universo, têm a responsabilidade de transcender esses demônios, não apenas para seu próprio engrandecimento, mas também como guias e espelhos á sociedade. A autenticidade, nesse sentido, não é apenas um ideal, mas uma necessidade psíquica. Ao cultivar a capacidade de ouvir, não apenas os outros, mas principalmente a si mesmos, os maçons podem se libertar das amarras do passado, transformando suas experiências em sabedoria e, assim, contribuindo para um ambiente maçônico mais saudável e iluminado. A verdadeira maestria, portanto, reside não apenas em ser um mestre, mas em ser um eterno aprendiz no caminho da autodescoberta.

4. REFERÊNCIAS

- ZOHAR. *O Zohar: o livro do esplendor*. Tradução de G. Scholem. São Paulo: Editora Teorema, 2001.
 - TORÁ. *Torá: os cinco livros de Moisés*. Tradução de A. T. T. Figueira. São Paulo: Editora Mosaico, 2003.
 - KARLSSON, Thomas. *Qabala, Qliphoth e Magia Goética*. São Paulo: Editora Madras, 1998.
 - SALOMÃO, Rei. *Clavículas de Salomão: um tratado de magia*. Tradução de L. R. C. dos Santos. São Paulo: Editora Rocco, 2005.
 - BEN SIRÁ. *Alfabeto de Ben-Sirá*. Traduzido por T. H. Green. São Paulo: Editora Brasileira, 1999.
 - DE CAMARGO, Adriano. *Cabala Draconiana*. São Paulo: Editora Madras, 2012.
 - ADOUM, Jorge. *Grau de Aprendiz e seus Mistérios*. São Paulo: Editora Pensamento, 2005.
- JUNG, Carl Gustav. *Individuação: um caminho para o autoconhecimento*. Tradução de J. R. M. Silva. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

ESQUADRO E COMPASSO

por: Leandro Souza de Alexandria



Desde a idade média, o esquadro e compasso foram ferramentas essenciais para os construtores de palácios, castelos e igrejas; na arquitetura e engenharia, essas ferramentas foram fundamentais para garantir precisão e integridade nas construções, o esquadro permitia a criação de ângulos retos, enquanto o compasso era indispensável para desenhar círculos e medir distâncias com exatidão; esses instrumentos possuem uma importância crucial nas ciências como: Geometria, Matemática e Arquitetura.

Essas ferramentas não apenas facilitaram a construção de imponentes estruturas medievais, mas também contribuíram significativamente para a evolução das práticas arquitetônicas e matemáticas ao longo do tempo. Em algum momento da história essas ferramentas passaram a fazer parte da Maçonaria, o Esquadro e o Compasso são considerados emblemas centrais e amplamente conhecidos, por isso questiona-se: qual o significado delas na ordem maçônica?

O Compasso, frequentemente associado à China que por volta do século III A.C, foi usado inicialmente em engenharia e arquitetura para criar círculos e realizar medições de projetos. O Esquadro, por sua vez, já era utilizado no Egito Antigo por volta de 2700 A.C. para garantir ângulos retos em construções de templo e pirâmides.



Os construtores na Idade Média, organizados em Guildas, que eram associações de trabalhadores especializados na construção de edifícios, continuavam a desempenhar um papel significativo na arquitetura e na edificação, segundo a carta de Bolonha de 1282, essa foi à origem da Maçonaria Operativa, essas guildas eram responsáveis por projetos como a construção de catedrais, mosteiros, conventos e outras grandes edificações. Com o tempo, essas guildas começaram a aceitar membros não operativos, ou seja, pessoas que não eram pedreiros, mas que estavam interessados nos aspectos morais da Maçonaria.

Durante o Renascimento, séculos XIV a XVII, tendo a Maçonaria recebido novos membros, ambos os instrumentos ganharam grau de importância maior e se tornaram amplamente disseminados por toda a Europa. Nesse período histórico, o Compasso e o Esquadro desempenharam um papel crucial no avanço da matemática, arquitetura e engenharia, auxiliando matemáticos e engenheiros em seus projetos e contribuições, assim como aspectos filosóficos e simbólicos, aspectos da Maçonaria Especulativa.

Com a entrada de novos membros na Maçonaria, novas interpretações vão sendo dadas aos instrumentos usados nas edificações, o Esquadro continua sendo uma ferramenta essencial na construção civil até os dias atuais, usado para garantir ângulos retos perfeitos, trabalhando com mármore, calcário, granito e outros materiais físicos. Na Maçonaria em sua fase especulativa, o Esquadro ganha funções simbólicas, sendo empregado para esquadrear a pedra bruta, mentalmente o refinamento interior do indivíduo, simbolizando o aperfeiçoamento pessoal e espiritual, em busca da própria pedra polida. O Esquadro como joia do Venerável Mestre, conforme Raimundo D'Elia Junior (2019), presume-se que tenha o intuito de que o Venerável tenha como atividade primordial a



criação de Maçons Perfeitos (Iden, 2019). Além disso, dois Esquadros podem formar o maior símbolo cristão, a cruz.

Utilizado para traçar círculos a partir de um ponto central, o Compasso também era empregado para garantir proporções precisas e exatidão nos projetos arquitetônicos. O Compasso, assim como o Esquadro, continua a ser amplamente utilizado em projetos e artes para criar curvas e formas precisas, um exemplo notável de seu uso é na arte, como no homem Vitruviano de Leonardo da Vinci, onde o Compasso desempenha um papel crucial na definição das proporções e no desenho das figuras.

A união do Esquadro e Compasso

Com a chegada da Maçonaria Especulativa, o Esquadro e o Compasso deixaram de serem apenas ferramentas operativas para se tornarem símbolos de profundo significado filosófico. O Esquadro passou a representar a matéria, enquanto o Compasso simboliza o espírito, sendo ambos colocados sob o livro da lei que rege a Maçonaria. No Grau de Aprendiz o Esquadro fica sob o Compasso, matéria acima do espírito, a partir da evolução dos graus e compreensão humana o espírito paulatinamente se sobrepõe à matéria, esse é um dos objetivos da Maçonaria.

Conclusão

A evolução do uso do Esquadro e do Compasso, como ferramentas essenciais na engenharia e arquitetura antigas e símbolos centrais na Maçonaria Especulativa, reflete uma transformação profunda na forma como essas ferramentas foram compreendidas e aplicadas ao longo da história. Durante o Renascimento, um período marcado por grandes avanços na arte, ciência e filosofia, esses instrumentos ganharam destaque não apenas por sua importância técnica, mas também por seu valor simbólico e filosófico.

Quando questionado quanto ao significado do Compasso e do Esquadro na ordem Maçônica, percebeu-se que passaram a representar o equilíbrio entre material e o

espiritual, a busca pela perfeição moral e o compromisso com os princípios que regem a fraternidade.

A transição das guildas de pedreiros operativos para a Maçonaria Especulativa abriu caminho para um entendimento mais profundo e universal desses símbolos, reafirmando suas relevâncias não apenas no contexto da construção física, mas também na edificação do caráter humano e na evolução espiritual de seus membros.

Portanto, o Esquadro e o Compasso continuam a ser usados não apenas para traçar linhas e círculos, mas para inspirar o crescimento pessoal, a retidão e o autocontrole, representando a contínua busca da Maçonaria pelo aperfeiçoamento individual e coletivo.

Referência

Alencar, Renato. **Enciclopédia História do Mundo Maçônico**. São Paulo, 1979: Ed. Maçônica.

D'ELIA JUNIOR, Raimundo. **Maçonaria: 100 Instruções de Aprendizes**. São Paulo: Madras, 2019. 9º ed.

Grande Oriente do Brasil. **Ritual do Aprendiz**. São Paulo, 2009.

www.freemason.pt/o-esquadro-e-o-compasso/
(Esquadro e o Compasso)

www.todamateria.com.br/renascimento-caracteristicas-e-contexto-historico/ (Renascimento: características e contexto histórico)

A INSTRUÇÃO E A TOLERÂNCIA COMO INSTRUMENTOS PARA A LIBERDADE

por: Fábio Costa de Oliveira Neves

As pessoas mais felizes e bem-sucedidas estão, no geral, buscando conhecimento através da instrução, seja ela tanto auto instrutiva quanto com o auxílio de outrem. A leitura dos acontecimentos, reflexões sobre o que acontece ao seu redor, seja no âmbito físico, mental, emocional ou espiritual, são alguns exemplos de auto instrução.



Se alguém se permitir ficar limitado apenas naquilo que sua aptidão lhe proporciona e ainda insistir em não ver, não ouvir, ignorar o auxílio de seus pares, jamais poderá ouvir algo que o fará despertar para o avanço em busca do aperfeiçoamento. Em *O Caibalion* uma das frases de entrada nos diz que o conhecimento só chega àquele que está com os ouvidos prontos para ouvir, entendo que estar pronto significa o querer ouvir com o propósito de aprender.

Vivemos uma vida cheia de escolhas e entre elas o aprendizado através do estudo e do crescimento pessoal é opcional. Para a aproximação do potencial que cada pessoa pode alcançar, requerem-se mudanças e dedicação. Cabe lembrar dos que treinam muito, dos que estão ensinando sempre, dos que efetivamente se preparam para os fins a que se propõem alcançar.

O aprendizado jamais se encerra. Quando alguém se fecha para novas instruções, quer por entender que já o basta quer por achar que já sabe tudo, eis aí que os problemas começam. O grande inimigo da vitória de hoje é a batalha de amanhã. O melhor modo de se evitar isso é fazer

de si um eterno aprendiz. Qualquer que seja o propósito é preciso o comprometimento para prosperar, com o intuito de escalar a montanha do crescimento pessoal.

Quando se entra num templo contemplativo ou acolhe a pretendida instrução, toma posse da eterna sabedoria, possibilitada com a efetiva abertura da arca onde estavam guardados os grandes tesouros de seu íntimo, e, a começar de então, aprende a viajar num campo relacionado ao invisível.

Numa perspectiva mais próxima do palpável, da realidade, podemos afirmar que à medida que a pessoa avança no conhecimento ela se torna mais tolerante e consequentemente tem mais liberdade para pensar.

A tolerância como significado de respeito, a aceitação e o apreço à diversidade de opiniões, de conceitos, dos diversos modos de expressão e das maneiras de exprimir a qualidade das pessoas, à diversidade das culturas, enfim, é fomentada pela libertação do espírito, pela apropriação do conhecimento, pela comunicação e a sensação de liberdade de pensamento, de consciência e de crença. A tolerância é a harmonização entre os diferentes, não é só um dever de ordem ética, muito menos individual, é uma necessidade de uma sociedade que almeja se dizer evoluída.



A tolerância é uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra, de conflito por uma cultura de paz e de harmonia.

Indulgência, concessão ou condescendência não são características da tolerância, ela não é adquirida ou conquistada, mas sim uma atitude ativa e fundamentada no



reconhecimento dos direitos universais de todos os seres. Em hipótese alguma a tolerância pode ser invocada para justificar violações nos valores fundamentais.

Ser tolerante implica na rejeição ao dogmatismo e ao absolutismo, ser tolerante fortalece as normas enunciadas nos instrumentos internacionais relativos aos direitos humanos, o pluralismo, a democracia e o Estado Democrático de Direito.

Ser tolerante não significa renunciar às próprias convicções, muito menos tolerar injustiças sociais, a prática da tolerância significa que todos têm livre escolha de suas ideias e aceita o fato de que outros seres humanos se caracterizem por terem ideias diferentes.

Maçônicamente a tolerância pode ser compreendida como: A compreensão de seus irmãos tem pontos de vista e estes devem ser ouvidos atentamente, mas não só isso, deve aceitar a difusão das ideias.

As instituições maçônicas, os ritos maçônicos, são exemplos de que os diferentes podem coexistir e ainda se unirem em prol de algo maior, a chamada Ordem, seja naturalmente ou seja por meio de leis e regulamentos próprios, e neste último caso cabe-nos o respeito e a aceitação, isto não é uma perda de liberdade mas sim uma institucionalização de uma organização para que os diferentes possam difundir ideias de forma a entender seus limites.

Na constituição do Grande Oriente do Brasil, em seu inciso III do artigo 1º temos que: *“proclama que os homens são livres e iguais em direitos e que a tolerância constitui o princípio cardeal nas relações humanas, para que sejam respeitadas as convicções e a dignidade de cada um”*. Logo o maçom deve saber aceitar ações ou condutas com as quais até mesmo não está de acordo ou as reprova.

O respeito de tais atitudes restringe-se até quando põe em evidência a injúria ou o menosprezo, justamente para resguardar o limite do livre-arbítrio e para que todos tenham a liberdade na proporção desejada.

O conceito mais preponderante sobre tolerância, incontestavelmente, está relacionado a uma predisposição aprimorada de acolher o diferente. Esse ato implica necessariamente a manifestação por uma simples receptividade e eventual intenção para o diálogo.

Os maçons, naturalmente, são defensores da liberdade, opositores firmes de todos os sistemas que desrespeitam a liberdade seja ela religiosa, filosófica ou até mesmo política.

O progresso que a humanidade fez até então, se não fora por intervenção de maçons, de forma que a defesa da Liberdade, da Democracia, do Respeito, pela defesa dos direitos humanos, fora pela intervenção daqueles não iniciados mas que possuem o sentimento e o comportamento tal qual um maçom deve ter e assim se apresentar.



A busca pela instrução, pelo conhecimento, agindo com tolerância, é o verdadeiro instrumento maçônico para a liberdade, porque à medida que o homem se aperfeiçoa ele se torna livre, capaz de pensar, ser propositivo, realiza sonhos individuais e coletivos, busca sempre o avanço físico, mental e espiritual. Aliás, é a liberdade que proporciona essas qualidades, é a razão do nome ou apelido, ou ainda a alcunha atribuída aos maçons – pedreiros livres.



O SISTEMA DE JACOB BOHEME E A MAÇONARIA

por: Emanuel Tadeu Coutinho Machado



Jacob Böhme, ou Boehme (Alt Seidenberg, Silésia, 24 de abril de 1575 / Görlitz, 17 de novembro de 1624), foi um místico cristão alemão. De vida simples, Boehme foi agraciado por uma vida toda permeada por experiências místicas, sendo que a maior delas – uma verdadeira epifania – ocorreu no ano de 1600. Nessa ocasião foi-lhe dada a revelação da estruturação do mundo espiritual e do conhecimento do Bem e do Mal. Apesar de impressionante vivência, Boehme optou por não divulgar nada do que viveu e continuou a trabalhar como sapateiro na cidade de Görlitz, na Silésia, levando vida simples, sem luxos, e cuidando de sua família.

Em 1610 teve nova revelação, ocasião em que resolveu escrever sua primeira obra “A Aurora Nascente” (*Die Morgenröte im Aufgang*). A princípio Boehme foi repudiado como herético pela comunidade religiosa de Görlitz, porém já contava com um círculo de discípulos e admiradores que o incentivaram a perseverar em suas reflexões e a escrever obras. Assim vieram muitos outros livros:

- Aurora (*Die Morgenröte im Aufgang*), (1612)
- De tribus principiis (*Beschreibung der Drey Göttliches Wesens*), (1619)

- De triplici vita hominis (Von dem Dreyfachen Leben des Menschen), (1620)
- Psychologica vera (Vierzig Fragen von der Seelen), (1620)
- De incarnatione verbi (Von der Menschwerdung Jesu Christi), (1620)
- Sex puncta theosophica (Von sechs Theosophischen Punkten), (1620)
- Sex puncta mystica (Kurtze Erklärung Sechs Mystischer Punkte), (1620)
- Mysterium pansopicum (Gründlicher Bericht von dem Irdischen und Himmlischen Mysterio), (1620)
- Informatorium novissimorum (Von den letzten Zeiten an P. Kaym), (1620)
- Christosophia (der Weg zu Christo), (1621)
- Libri apologetici (Schutz-Schriften wider Balthasar Tilken), (1621)
- Antistifelius (Bedenken über Esaiä Stiefels Büchlein), (1621)
- De signatura rerum, (Von der Geburt und der Bezeichnung aller Wesen), (1622)
- Mysterium Magnum (Erklärung über das erste Buch Mosis), (1623)
- De electione gratiae (Von der Gnaden-Wahl), (1623)
- De testamentis Christi (Von Christi Testamenten), (1623)
- Quaestiones theosophicae (Betrachtung Göttlicher Offenbarung), (1624)
- Tabulae principiorum (Tafeln vln den Dreyen Principien Göttlicher Offenbarung), (1624)
- Apologia contra Gregorium Richter (Schutz-Rede wider Richter), (1624)
- Libellus apologeticus (Schriftliche Verantwortung an E.E. RATH zu Görlitz), (1624)
- Clavis (Schlüssel, das ist Eine Erklärung der vornehmsten Punkten und Wörter, welche in diesen Schriften gebraucht werden), (1624)
- Epistolae theosophicae (Theosophische Send-Briefe), (1618 – 1621).

Algumas destas obras estão publicadas em português.

Jacob Boehme, não obstante a vida simples que cultivou, é considerado um dos maiores gênios da história humana. Ele expõe com maestria, em sua obra, conhecimentos abrangentes sobre cosmogonia e cosmologia do Cristianismo, sendo um dos precursores da Teosofia clássica cultivada no âmbito da tradição hermética. Por todo conjunto de sua obra é denominado “Príncipe dos Filósofos Divinos”, no seio da tradição judaico-cristã.



IN15IDE
ANOS *****
Consultoria científica

A principal de suas obras é *A Aurora Nascente*, não por ser a mais importante, porém a mais acessível e que resume o esquema conceitual do sistema Boehmiano, que será aperfeiçoado em futuras obras. Embora tenha sido escrita antes da plena iluminação do filósofo, ela nos fornece a oportunidade de fixar as ideias básicas.

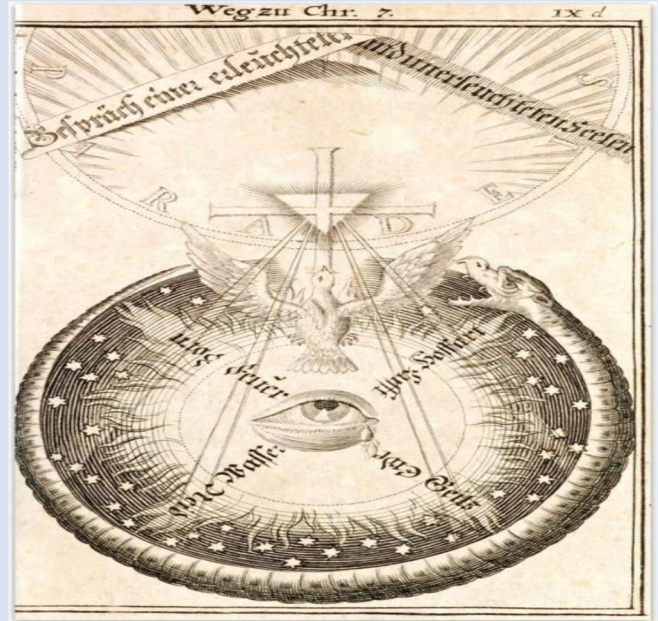
A *Aurora Nascente* discute três temas básicos, que serão desenvolvidos e aprofundados em obras posteriores: 1. A Santíssima Trindade; 2. A Criação dos Anjos e da Natureza Eterna e; 3. A Criação da Natureza Temporal e Manifestada. Dada certa proporcionalidade, o que encontramos é uma correlação feita por Boehme com as manifestações trinitárias da divindade, presente em diversas culturas, e que sabemos que constitui o cerne da criação. No restante de suas obras Boehme desenvolve importantes reflexões acerca dos temas: 1. Da manifestação Divina, 2. Da criação do mundo angélico; 3. Da rebelião e queda do mundo angélico; 4. Da criação do mundo material e manifestado; 5. Da criação e queda do Homem; 6. Do retorno do Homem a Deus; 7. De Cristo e seu significado; 8. Do verdadeiro sentido da Bíblia; 9. Da natureza do Céu, do Purgatório e do Inferno; e 10. Do Juízo Final, dentre outros temas.

O sistema de Jacob Boehme não pode ser entendido a luz da razão contemporânea, perecível e carregada de ideias pré-concebidas. É necessário que se incorpore a humildade e simplicidade de pensamento que era cultivada pelo filósofo, a fim de que as ideias simples de sua filosofia possam ser entendidas pela linguagem da intuição, que é a única forma de se compreender as ideias que gravitam desde o mundo espiritual até nossa concepção racional.

A obra de Jacob Boehme se constitui em uma fonte inesgotável de estudo para aqueles que buscam compreender as profundezas do esoterismo ocidental. A revelação por ele recebida aborda temas que são familiares ao pensamento hermético, magia, astrologia e a verdadeira Teosofia. Podemos inclusive afirmar que a sua visão cosmológica pode ser associada inclusive à Maçonaria, haja vista que esta se constitui em uma fraternidade que, em seu cerne, busca o aperfeiçoamento moral e espiritual do ser humano.

Ao examinarmos as correlações entre o sistema de Jacob Boehme e a Maçonaria, focando em suas dimensões esotéricas, filosóficas e simbólica, encontramos um terreno fértil para compreender como a filosofia mística de Boehme pode complementar e dialogar com os princípios da arte real.

A Cosmologia de Jacob Boehme



O pensamento de Boehme vem ser profundamente influenciado pelas concepções místicas, onde verifica-se que a dualidade e a transformação espiritual desempenham papéis centrais. Um dos aspectos-chave de sua cosmologia é a ideia de que a criação e a realidade manifestada surgem de uma tensão entre opostos. Assim é concebido o universo como uma manifestação dinâmica entre luz e escuridão, bondade e maldade, amor e ira. Essa dualidade não deve ser vista como uma simples divisão maniqueísta, mas como uma necessária polaridade para que o equilíbrio e a harmonia sejam alcançados.

Para Boehme, a Criação começou com um desejo oculto de Deus em se manifestar. A partir desse "nada" original, a criação e a estrutura do universo se desdobraram por meio de sete qualidades ou princípios. Esses princípios representam diferentes aspectos da divindade, da natureza e da alma humana, sugerindo uma conexão microcós mica e macrocós mica, onde o homem é o reflexo do universo.

Em essência, a criação dos mundos e seres desdobra-se como segue:

- **Deus em si mesmo**, indiferenciado ou indistinto. É o Absoluto Infinito, que está para além dos opostos. A este Ser Boehme chama de *Ungrund*, o *Sem-Fundo*.
- **A Trindade Divina** que é anterior à manifestação. Que se desdobra em três princípios:
 1. **A Vontade do Ungrund** em revelar-se e conhecer-se. Que Boehme chama de Deus-Pai;



2. A fixação da vontade em um Centro, onde Deus contempla a Si próprio no Coração, em Deus-Filho;

3. A expansão da vontade de conhecer-Se, que é Deus-Espírito-Santo, tornando a Sabedoria oculta e indiferenciada em manifesta e diferenciada. Desta vontade de conhecer-Se desdobram-se:

- **As sete forças de manifestação da Natureza:**

4. Adstringência: desejo obscuro e contrativo que surge na primeira Vontade para manifestar as ideias e potencialidades de maneira substancial. Como não existe ainda nenhuma substância que possa manifestar o que Deus contempla na Sabedoria, está atraindo-se poderosamente a si mesma e cria o que Boehme chama de *fundo tenebroso*.

5. O Amargor: é a força ou desejo por expansão que surge nas trevas da adstringência obscura. Boehme chama a esta força também de *agulhão* ou *agulhão amargo*.

6. A Angústia: traduz-se como dor ou um tipo de movimento espiral que surge do combate entre a *Adstringência* e o *Amargor*.

7. O Calor, o Relâmpago ou o Fogo: resulta do combate entre as três forças descritas anteriormente. É a libertação da vontade criativa, que sai das trevas adstringentes.

8. O Amor: após a explosão resplandecente, as três forças iniciais se entregam a liberdade, e se abrandam e harmonizam, constituindo uma unidade.

9. O Som, o Tom ou Mercúrio: é a Vontade liberta que emana das três forças que agora estão unidas.

10. A Tangibilidade ou Corporalidade: é a substância que se corporifica no mundo das ideias, após a harmonia produzida pelas forças iniciais, e transformadas no Fogo, no Amor e no Som. Aqui se permite que as ideias adquiram corporeidade e tornem-se manifestas e existentes.

Estas sete forças descritas, em um ou outro grau determinam a manifestação de todos os mundos, sejam eles divino, angélico ou infernal, ou ainda das diversas manifestações corpóreas descritas por Blavatsky em a Doutrina Secreta. Também podemos correlacionar este sistema a criação do microcosmo que anima a todos os seres, conforme indicado pelas leis herméticas de correlação.

A Maçonaria e a Busca pelo Conhecimento Oculto

Sabemos que a Maçonaria não é explicitamente um sistema místico ou religioso, eis que congrega em suas fileiras Irmãos de diversas correntes filosóficas e religiosas. No entanto, contém em seu núcleo um esquema conceitual e

referencial filosófico baseado em profundo simbolismo, expresso em rituais e alegorias. Desde sempre, não obstante a controvérsia frequente acerca de suas origens, a Maçonaria procura explorar, em essência, a ideia da transformação espiritual e moral do indivíduo. Ao passar pelas diferentes fases do aprendizado discipular maçônico, o iniciado segue um caminho de autoconhecimento, elevando-se progressivamente em direção à luz, ou seja, ao conhecimento supremo e à compreensão do divino, tendo identidade com os preceitos Teosóficos Boehmianos, de retorno do homem manifestado desde a corporalidade até a infinitude do mundo espiritual.

O rito iniciático maçônico, seja em qualquer dos graus, bem como todos os símbolos que permeiam suas cerimônias, são todos representações simbólicas desse processo de aperfeiçoamento espiritual, que devem ser racionalmente compreendidos para serem absorvidos no modo de vida maçom, em quaisquer ações praticadas no dia a dia. O maçom, como a pedra bruta, deve ser trabalhado até alcançar a forma perfeita da pedra cúbica, simbolizando a perfeição moral e a sabedoria. Assim como em Boehme, há, neste processo, um tipo de tensão criativa entre opostos, uma disputa entre a imperfeição (a pedra bruta) e o objetivo da perfeição (a pedra polida). Somente quando as energias transformadoras da Angústia agirem sobre os apostos, é que as energias criativas darão liberdade consciencial ao maçom.

Correlacionando Boehme e a Maçonaria

A correlação mais evidente entre o sistema de Jacob Boehme e a Maçonaria, está na ideia de transformação e autoconhecimento por meio da disputa ou dialética entre opostos. Boehme acreditava que o espírito humano é um reflexo do universo divino, e que sua jornada no mundo manifestado consiste em superar o estado de queda na matéria e retornar à sua natureza divina e real. Analogamente, na Maçonaria, o iniciado é constantemente incentivado a buscar sua iluminação interior, ou construção do Templo Interno, que se constitui em um símbolo do conhecimento, da verdade e da conexão com o mundo divino.

1. A Dualidade e o Simbolismo Maçônico: Como já indicamos, Boehme entendia que a criação estava imersa em uma dualidade entre luz e trevas. Na Maçonaria, vemos essa dualidade representada em diversos simbolismos, tais como o pavimento mosaico, que mostra a coexistência do bem e do mal, da luz e da escuridão, ou ainda no Sol e na Lua, que representam os contrários no mundo manifestado. Essa dualidade é fundamental para o autoaperfeiçoamento do



iniciado, que deverá aprender a lidar com os opostos internos, e por intermédio da Angústia, alcançar a harmonia interna ou divindade.

2. **O Processo Alquímico:** o sistema de Boehme é muitas vezes relacionado ao processo alquímico, no qual a transmutação espiritual do homem de chumbo em espírito aurífero simboliza a purificação da alma e a sua consequente manifestação no mundo divino. Na Maçonaria, a pedra bruta representa o estado inicial do maçom, que deve ser polido e lapidado até alcançar o estado de perfeição, na pedra polida. Assim como o trabalho alquímico de Boehme, o processo maçônico é uma jornada de purificação interna e elevação espiritual.

3. **Os Sete Princípios de Boehme e a Simbologia Maçônica:** Como já indicamos, Boehme desenvolveu um sistema baseado em sete princípios que estruturam o universo e a alma humana. Embora a Maçonaria não faça referência direta a esses sete princípios, a simbologia maçônica frequentemente utiliza números com significado esotérico. Os três graus simbólicos da Maçonaria, por exemplo, remetem à trindade espiritual do homem - corpo, alma e espírito -, que devem ser aperfeiçoados em um processo de vivência pedagógica das adversidades diárias, e de um esforço consciente por praticar o bem e cultivar a beleza em todas as ações. Dentro da lógica setenária da manifestação, conforme descrito por Boehme, todo processo criativo de evolução pode ser encarado como manifestação das forças contrárias e de seu processo de harmonização. Podemos também correlacionar estas dez forças descritas anteriormente com os dez cargos em Loja – três primeiros no Oriente e os demais sete distribuídos pelo Templo, conforme o Rito – e verificar como a correta harmonia em sua manifestação proporcionam que os trabalhos sejam realizados conforme a vontade criadora imanifesta.

4. **O Caminho de Retorno à Luz:** Jacob Boehme enfatiza que o objetivo último do homem encarnado e sujeito às suas próprias ações é o retorno à sua origem divina, a qual tinha antes da queda. Na Maçonaria, temos que o conceito de iluminação é algo central. O maçom deve se libertar da ignorância (trevas) para alcançar a sabedoria (luz), um processo que se identifica com a jornada de retorno à fonte divina, conforme indicado por Boehme.

CONCLUSÃO

A obra de Jacob Boehme e a Filosofia Maçônica, não possuem raízes originárias comuns. Embora sejam provenientes de contextos históricos e culturais distintos, compartilham uma base esotérica comum, que bebeu na própria fonte arquetípica de desejo inato dos seres por evolução e aperfeiçoamento. Essa busca pelo autoconhecimento e pela transmutação espiritual do ser, indicam que o ser humano, como um microcosmo, reflete as forças e os princípios do universo, tal como rezam as máximas herméticas. Além disso, tanto em Boehme quanto na Maçonaria, o combate entre os opostos é visto como um fator crucial na criação da consciência espiritualizada. Esta tensão entre Luz e Trevas, Bem e Mal, Positivo e Negativo, é o que impulsiona a evolução espiritual.

O pensamento de Jacob Boehme e a Maçonaria podem, assim, ser interpretados como uma sinergia entre duas grandes correntes esotéricas, que visam a mesma coisa: o aperfeiçoamento do ser humano em direção a divindade, por intermédio do trabalho interno, da lapidação moral e da busca pela Teosofia (ou Conhecimento Divino) oculta. Esperamos ter contribuído para enriquecer a compreensão dos Irmãos acerca do caminho iniciático Maçônico, ficando o convite para um aprofundamento no estudo acerca do sistema de Jacob Boehme, o que consideramos de suma validade para a jornada iniciática individual.



SINTESE DO GRAU DE COMPANHEIRO MAÇOM

por: Márcio Ney de Parijós

INTRODUÇÃO

Grande ousadia a minha, confesso, ter a ambição de sintetizar um Grau de conhecimento tão abrangente e desafiador como o de Companheiro Maçom, em apenas uma Peça de Arquitetura. Côncio da magnitude da missão, ainda sim ousei escrever algumas palavras de explanação, que não de explicação, sobre os aspectos que mais me instigaram no desvendamento dos mistérios de mais esse passo na jornada Maçônica.

Na esperança de conseguir produzir uma fagulha de conhecimento em frente a esta grande chama esclarecedora que é a Sublime Ordem, apresento esta Peça abordando o Pannel Alegórico e seu detalhamento, esmiuçando suas origens, seus fundamentos, aspectos esotéricos e morais, para que assim após ter me dedicado ao aprendizado para saber, saber para poder entender, doravante buscarei ensinar.

ORIGEM DO GRAU

Herança do período de Maçonaria Operativa o Grau de Companheiro Maçom em sua ancestralidade correspondia



ao topo da hierarquia de construtores sendo precedido somente pela função de Mestre da obra (atualmente o Venerável Mestre), fato este que exigia do obreiro um profícuo conhecimento a ser conquistado após 5 anos de aperfeiçoamento e trabalhos constantes. Tinha por função se dedicar a instrução dos aprendizes, designar a colação dos materiais e dar perfeito andamento as

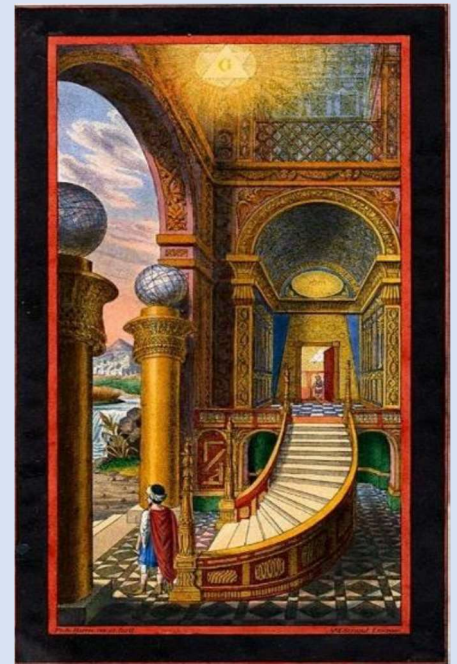
construções. A organização em dois graus permaneceu até a entrada dos primeiros Maçons “aceitos” que por constituírem uma elite de homens com certo grau de cultura, começaram a exigir um tratamento especial e passaram a incluir cada vez aspectos litúrgicos, se afastando das construções de templos e castelos e passando a se dedicar a construção do templo interno de cada homem.

Em sua forma Especulativa, instituído em 1648 por Elias Ashmole, o Grau aborda simbolicamente a maturidade do homem em sua fase adulta já passado sua infância como Aprendiz Maçom e caminhando para a fase senil, trabalha ainda a dubiedade maçônica, a numerologia do Grau circunda

o número 5, este é composto pelo binário, símbolo do que é falso e duplo, e do ternário. 5 também dá a ideia de perfeição e imperfeição, de felicidade e infelicidade, da vida e da morte. Inteiramente dedicado ao trabalho, o companheiro passa a se dedicar a questões que vão além das simbólicas abordadas pelo Grau de Aprendiz, devendo também se interessar por conhecimentos arquitetônicos, científicos e esotéricos, sendo a razão o ponto de apoio do Grau, sob a qual deve-se conhecer os mistérios da natureza e do homem.

ORIGEM DO PAINEL ALEGÓRICO

Os princípios da Maçonaria são comunicados usando símbolos durante as cerimônias e depois por instruções usando ilustrações. As primeiras Lojas costumavam desenhar estes símbolos no chão da e lavá-los após a sessão. No final do Sec. XVIII, eram usados tapetes e painéis simbólicos. Então, a partir do início do Sec. XIX, tornou-se padrão usar um conjunto de três Painéis de Loja numa variedade de tamanhos e materiais, para ajudar a ilustrar cada uma das três cerimônias. Popularizou-se e convencionou-se então a utilização dos Painéis feitos por um notório artista inglês chamado John Harris.



Os Painéis são de enorme valia para o processo de ensino e aprendizagem maçônico, podendo velar seus mistérios em alegorias e permitindo que apenas os iniciados, compreendam seu sentido mais profundo, a Sublime Ordem vem assim, perpetuando seus ideais e disseminando a luz aos que por ela anseiam.

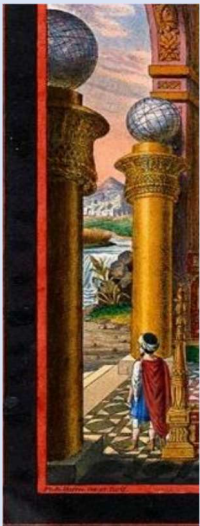
Diferentemente do Grau de Aprendiz Maçom, o Grau de Companheiro Maçom tem um número maior de painéis, vista que existe neste uma massa de conhecimento igualmente superior, existindo assim a necessidade do fracionamento para que se possa compreender o todo.

DESENVOLVIMENTO

Inicialmente iremos abordar a parte exterior do painel que expressa uma visão do Templo de Salomão, nela temos o rio e a espiga de milho que retratam a Palavra de Passe do Companheiro, utilizada para distingui-lo dos Aprendizes no seu recebimento de salário - sendo está Sch.: - que significa abundância e tem sua origem nas escrituras através de uma lenda onde o exército dos Efraimitas, atravessou o rio Jordão para combater Jéfte, famoso general Gileadita. Os Efraimitas por defeito vocal próprio de seu dialeto, não conseguiam pronunciar a palavra Sch.:, mas sim Si.:. Desta forma a ligeira diferença em sua pronúncia apontava a sua nacionalidade e custavam-lhe a vida. As escrituras denunciam que morreram a margem do rio Jordão, 42.000 Efraimitas, e como Sch.: foi a palavra designada para distinguir amigos de inimigos, Salomão resolveu adotá-la como Palavra de Passe dos Companheiros.



Outrossim, nota-se a importância e o poder que essa palavra carrega, estudiosos esotéricos versam sobre o poder que a repetição de palavras, mantras e orações produzem, a exemplo, o “Pai Nosso”, para explorar a sua forma mais energética deve-se verbalizá-lo em sua língua original a Aramaica, visto que, esta ecoou-se por centenas de anos após seu surgimento.



Dando seguimento, logo à entrada do Templo, vislumbramos as duas Colunas Vestibulares, local onde eram pagos os salários dos obreiros e onde se guardavam as ferramentas, suas medidas eram dezoito côvados de altura e cerca de doze côvados de circunferência, ocas, com 4 dedos de espessura. Em seu capitel estão alocados dois globos, ao norte fica o globo celeste e ao sul o terrestre, suas presenças induzem ao estudo dos planos em que estamos imersos – momento de enorme emoção durante a Iniciação e a Elevação é a proclamação e reconhecimento na qual somos anunciados aos três planos – os quais são o mental, astral e espiritual.

A tradição maçônica de que as colunas foram feitas “ocas” pode ser suportada, do ponto de vista do fundidor, por necessidade apenas com uma grossura de “uma palma de mão”, a fim de lhe reduzir o peso, e teria assim de ser o bronze vertido em torno de um núcleo central que pudesse posteriormente ser retirado como se diz que aconteceu com as colunas, fundidas na “planície do Jordão”, em terra barrenta, entre Sucoth e Zeredata.



Estudos mais recentes apontam que as colunas não poderiam ter função estrutural, haja vista as demais medidas do Templo de Salomão, sendo assim, poderiam essas, exercer a função de portais, utilizados na captação de energia como já fora utilizado por outras civilizações, cito os Egípcios, Gregos e os Fenícios. Como visto no Painel do Grau as Colunas são opostas em cor, ao norte a coluna “J” é preta e ao sul a coluna “B” está em vermelho, atuando cada uma em uma forma energética, através do princípio hermético da polaridade, respectivamente a primeira é a coluna passiva e a segunda, coluna ativa.

Talvez o ponto – a meu ver - mais enigmático é o posicionamento do companheiro de costas para o templo e vislumbrando o seu exterior, retornando ao período da Franco-Maçonaria sabemos que o Companheiro tinha a liberdade de transitar entre diversas obras ganhando assim mais recursos e gerando mais prestígio. Como Maçonaria Especulativa o fato faz refletir sobre os diversos caminhos de podemos seguir na busca da perfeição, sendo dever imprescindível do Companheiro se permitir buscar novos conhecimentos, enfrentar outros desafios, enfim, sair de sua zona de conforto em prol do desenvolvimento de uma visão mais ampla de suas capacitações.

A dubiedade do Grau é vista nesse ponto de forma contundente, ao ter a liberdade de poder traçar novos rumos e adentrar ao desconhecido é também fulcral construir a consciência da necessidade de se retornar a linha central. O Companheiro que já superou as provas físicas, de coragem e de persistência do Aprendiz, agora é posto a enfrentar dilemas psíquicos e em outros planos. Aperfeiçoadas as arestas da Pedra Bruta cabe a este ter a sapiência de saber posicionar corretamente a Pedra Polida.

A estrela de Davi representa o selo de Salomão, é a união do material com o imaterial, fusão dos 3 planos, “o de cima é como o de baixo e o de baixo é como o de cima” no dizer do princípio hermético da correspondência. No centro está a letra “G” muito presente no Grau como guia, constitui o ponto de partida para o campo científico da Ordem, e por isso se encontra nas ciências:

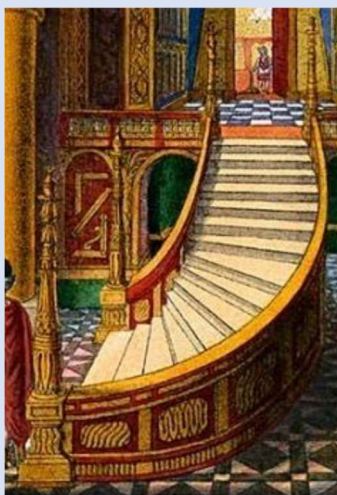


Geometria, Gravitação, Geração, Gravidade, Gnose.

“A escada em caracol representa as grandes dificuldades que alguém, na maçonaria, tem para estudar e apreender tudo o que é necessário para alcançar o grau de mestre.”

José Castelani

Diversas civilizações desde a antiguidade adotam a

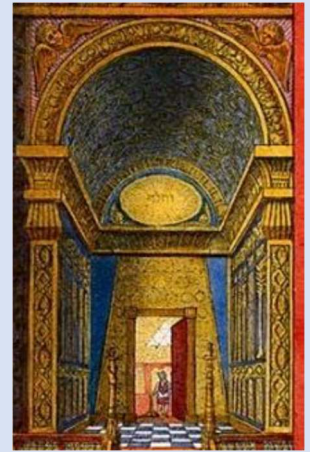


escada como símbolo de ascensão, seja moral ou espiritual, assim foram os Mitríacos, Egípcios, Felícios etc. No Grau de Aprendiz nos debruçamos sobre a Escada de Jacó, sendo ela a representação do ciclo evolutivo da vida e da ascensão virtuosa que o Maçom deve almejar e construir. Já no Grau de Companheiro Maçom, assim como a Marcha do Grau a

escada deixa de ser retilínea e desvia da reta em uma curva que leva a um nível superior.

Percebemos aqui que não estamos presos a um só caminho na busca do conhecimento e da verdade, daí o motivo da Marcha desviar seu caminho ora para a direita ora para a esquerda, nenhuma evolução se dá sem que haja obstáculos a serem superados, em menor ou maior escala, assim com coragem, perseverança e paciência que são virtudes que o Companheiro deve desenvolver para trilhar o caminho rumo a perfeição.

No cume da Escada em Caracol, localiza-se um espaço destinado a reunião dos Mestres Maçons e é o motivo do anseio dos Companheiros, que após trabalharem assiduamente na oficina, observando e auxiliando os Mestres, pondo em prática a tolerância dos ideais alheios, a solidariedade para com todos e a verdade com nossa doutrina, dar-se-á a esperança de estarem capacitados a participar dos trabalhos do Mestrado.



Logo ao fundo fica a entrada para o Sanctum Sanctorum, era uma sala do Templo de Salomão onde ficava guardada a Arca da Aliança, local este que não recebia luz natural, somente a glória de Deus – a “Shekinah” – era um local separado do restante do templo por um véu de linho. Sendo o Templo de Salomão o próprio templo interior de cada Maçom, o Sanctum Sanctorum – local mais santificado – corresponde ao íntimo mais profundo de cada um, adentrar nele é conhecer a si próprio, e essa caminhada é vivenciada de forma única por cada Maçom, Apenas nós podemos conhecer a completa verdade a nosso respeito, caso tenhamos coragem para fazê-lo. Coragem para enfrentar as nossas verdades.

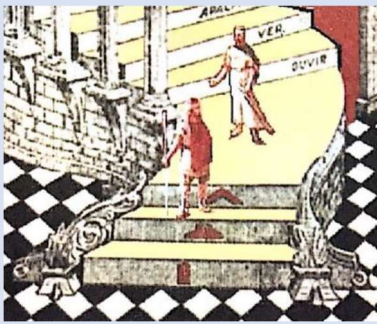
É a representação da libertação de todo contexto mundano, do abandono das posses, para que a verdade possa ser revelada e a luz vislumbrada, O Santo dos Santos é a nossa própria consciência. É a Columba dos Rosacruzes, é a transmutação de metais em ouro dos alquimistas, é o que os cabalistas chamam de caminhos da árvore da vida, é o verdadeiro segredo da Maçonaria!

DETALHE DO PAINEL ALEGÓRICO:

INTRODUÇÃO

O segundo Grau da Maçonaria, como dito anteriormente, representa o homem começando a jornada da vida, com a grande tarefa do autoaprimoramento. Para o desempenho fiel dessa tarefa, uma recompensa é prometida, consiste no desenvolvimento de todas as nossas faculdades intelectuais, a elevação moral e espiritual do caráter e a aquisição da verdade e do conhecimento. Alcançar esta condição moral e intelectual supõe uma ascensão de uma vida inferior a uma vida superior, e uma passagem do trabalho da dificuldade, à total fruição da sabedoria.

DESENVOLVIMENTO



A cada galgar são apresentados novos conhecimentos, iniciando por aspectos administrativos, é exposto ao Maçom a forma como se organiza a Ordem a qual está Iniciando e seus aspectos hierárquicos, contudo, de grande valor ao desenvolvimento das virtudes, ao se trabalhar os aspectos simbólicos do Esquadro - Venerável Mestre -, o Nível - 1º Vigilante - e o Prumo - 2º Vigilante -.

O Companheiro é, logo após, convidado a contemplar os cinco sentidos humanos (audição, visão, tato, olfato e paladar), fazendo deles e do Pentalfa uso no domínio da matéria e do espírito, pois, somente assim, conseguirá fazer o discernimento do bem e do mal, do belo e do feio, do verdadeiro e do falso.

É ainda aludido a arquitetura, não somente em recordação ao período Operativo da Maçonaria, mas por ser esta a exteriorização do desdobramento do homem em seu processo de evolução, partindo de uma forma simples, bruta, mas resistente – ordem Toscana – até sua forma mais bem-acabada e ornada – a ordem Coríntia -.

O último estágio se dá através do estudo das ciências humanas, dadas em Trivium (Gramática, Retórica e

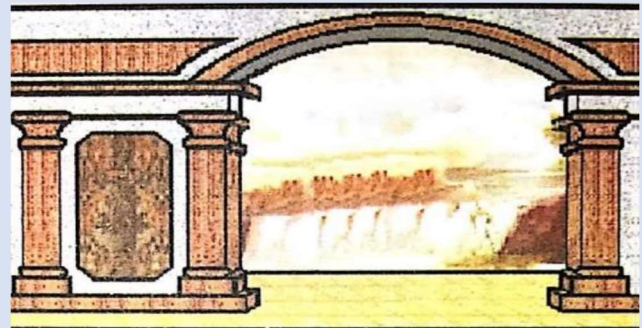


a Lógica) e Quadrivium (Aritmética, Geometria, Música e a Astronomia), o conhecimento dessas sete ciências e artes liberais permite ao Maçom o domínio da verdade, sendo o

Trivium a chave de toda linguagem e o Quadrivium as leis secretas da natureza.

CONCLUSÃO

Destarte, nota-se, que a progressão da escada leva ao constante burilar do homem no seu processo de aperfeiçoamento, resta ainda um último nível, uma recompensa foi prometida a toda essa ascensão fatigante das Escadas em Espiral. Sua recompensa é a Verdade, esta é uma das mais belas e ao mesmo tempo das mais veladas doutrinas do simbolismo maçônico, na qual o Maçom vive uma constante busca pela verdade, nós ainda estamos por aprender que a verdade consistirá em um conhecimento perfeito do GADU. Esta é uma recompensa do maçom especulativo; nisto consistem as recompensas de um Companheiro Maçom; dele está direcionado à verdade, mas deve viajar mais adiante e ascender ainda mais para atingi-la.



BIBLIOGRAFIA

- O companheirismo maçônico - Rizzardo da Camino;
- O Caibalion – Os três iniciados;
- Ritual 1º Grau – Aprendiz Maçom – GOB;
- Ritual 2º Grau – Companheiro Maçom – GOB;
- Revista Universo Maçônico;
- A lenda da escada em espiral – José Cardoso M.: M.;
- A escada de Jacó – Mario Sergio Nascimento M.: M.;

CAMINHO DA LUZ – 4º GRAU

por: Mário Sérgio dos S. Nascimento

A maçonaria é uma escola filosófica, iniciática e evolutiva, que prima pelo desenvolvimento de seus membros, sendo a evolução pessoal marcada por graus de aperfeiçoamento, através de estudos sobre conhecimento simbólico, possuindo 3 graus e, filosófico, possuindo 30 graus. No grau 4, ou seja, filosófico, conhecido como Mestre Secreto, o qual executa suas reuniões em uma Loja de Perfeição, buscando o caminho da Luz e a liberdade do espírito humano. O objetivo desse texto é apresentar como tal caminho se apresenta ritualisticamente.

O livro básico, ou seja, o Ritual do 4º grau, na página 16, traz a seguinte afirmação: pedi, buscai e batei e tudo conseguirá, qual o significado disso? Como algo tão simples pode mudar a vida de um indivíduo?

No ato da iniciação maçônica nos graus simbólicos e filosóficos todos passam por viagens representativas das dificuldades que costumam se apresentar diante de todos, medos, insegurança, paixões, encontrar culpados por tudo que acontece de negativo em nossas vidas, desistimos de nossos objetivos por não entendermos como a vida funciona, por não acreditarmos em nós mesmos.

Como Mestre Secreto se faz necessário à compreensão de que a força e o discernimento que precisamos para a mudança está em nosso interior, dependemos de esforço próprio e faculdades espirituais para passarmos das trevas a luz. É preciso aprender a lidar com as emoções através de mecanismos como: intuição, meditação, concentração e imaginação no sentido de alcançar o mais alto desenvolvimento mental e psíquico. Nessa caminhada obstáculos irão surgir, ideias de fracasso, desânimo e outras dificuldades criadas mentalmente, é aí que é exigido do Mestre Secreto a superar suas limitações.

A caminhada inicia despertando os poderes internos as forças que estão a nossa disposição, pois dependemos de esforços pessoais para combater os vícios, tudo que nos impede de nos tornarmos pessoas melhores, prósperas e abundantes. Nossos principais obstáculos para o desenvolvimento da vida espiritual estão no nosso lado material e vida social, devido a isso devemos estudar e irradiar boas energias, precisamos compreender quais as causas de nossa felicidade, tristeza, riqueza, pobreza, saúde, doença.

O poder está no pensamento, nas emoções, no subconsciente e a oração é o mecanismo que se trabalha a partir da fé, por isso, Murphy, 2012, afirma que: “todas as suas experiências, incidentes, condicionamentos e atos são reações de seu subconsciente e dos seus pensamentos”,

sendo assim, Eker, 2006, afirma que “Quando a mente pensa corretamente, quando você compreende a verdade, quando o pensamento é construído, harmonioso e pacífico, você colherá situações harmoniosas, agradáveis”. Felicidade é determinada mais pelo estado mental da pessoa do que acontecimentos externos. Ou seja, a vida é uma essência espiritual, uma manifestação do ser que procede de dentro para fora. Precisamos entender que a vida não é tão somente formada por atividades orgânicas e manifestações fisiológicas é também espiritual, assim como, vivemos relações de causa e efeito.

O Mestre Secreto precisa aprender a usar os pensamentos para superar obstáculos, ideias de dificuldades e fracasso, precisa se tornar senhor das verdades da vida através do conhecimento e uso dos poderes internos de que dispõe. É preciso se viver em harmonia com as forças espirituais, observando as leis universais, “as condições de nossa vida presente tem íntima relação com a existência passada e, os nossos pensamentos e desejos atuais virão a realizar-se, em grande parte, numa existência futura” (GOSWAMI, 2018).

Como Mestre Secreto é preciso compreender que as chaves nos são dadas para descobrimos o que há no interior da arca e o que é Deus. Chave é o conhecimento, a arca, nosso corpo e Deus se encontra em nosso interior.

A finalidade principal é evoluir a natureza humana para que espiritualidade possa receber as influências dos planos superiores através do desenvolvimento intelectual. “... a elevação é sempre individual e a Loja de Perfeição pode apenas indicar a rota e evitar os caminhos perigosos.” (P.39, Ritual do Grau 4, ECMA).

Devemos reconhecer que a luz está em nosso interior e que precisamos estudar para nos afastarmos das trevas da ignorância.

Referência

- Excelso Conselho da Maçonaria Adonhiramita. Ritual Maçônico do Grau 4. Rio de Janeiro, 2009.
- **GOSWAMI**, Amit. Consciência Quântica. Uma nova visão sobre o amor, a morte e a consciência da vida. Goya, 2018.
- **HILL**, Napoleon. Quem pensa enriquece. Fundamento, 2009
- **MURPHY**, Joseph. O poder do subconsciente. Le livros, 2012;
- **T. HARV EKER**. Os segredos da mente milionária. Sextante, 2006.
- **Três Iniciados**. O Caibalion: estudos da filosofia hermética do antigo Egito e Grécia. Pensamento: São Paulo. 2020. Tradução Rosabis Camaysar.



O SIMBOLISMO HERMÉTICO DA LUA CHEIA

por: Emanuel Tadeu Coutinho Machado



Em várias tradições culturais mundo afora, os símbolos têm uma função central na interpretação do Universo e da vida. Dentre os diversos elementos simbólicos observados, a Lua ocupa uma posição de destaque, haja vista que, junto ao Sol, representa um arquétipo da divindade gravado desde tempos imemoriais na psique humana. A Lua Cheia, em particular, representa um simbolismo mais profundo. Cercada de poder e significado, é vista como um momento de ápice de revelações e transmutação de natureza espiritual.

Na tradição hermética, a Lua é considerada um tipo de reflexo da luz solar, representação da divindade, ou da essência do espírito puro e criador. Ao estar completamente iluminada, expressa o máximo de tal reflexão, sendo então indicativo do ápice do conhecimento espiritual, que neste momento está plenamente acessível à consciência humana. O hermetismo enfatiza que o mundo material é apenas um reflexo imperfeito do mundo espiritual. Analogamente a Lua Cheia como reflexo do Sol, representa a plenitude da expressão divina no mundo material.

A noite em si apresenta simbolismos diversos. Um deles a relaciona as trevas da ignorância, na qual o ser humano, afastado da consciência de sua verdadeira natureza espiritual, desconhece a sua verdadeira origem. Então cerimônias realizadas durante a Lua Cheia – presentes em várias tradições – tencionam despertar a consciência daqueles

que a realizam, o despertar da natureza espiritual nas trevas da ignorância.

Tal simbolismo apresenta e traduz a ideia de que o ser humano, enquanto se esforça num processo de purificação e evolução interna, se torna mais capaz de ele próprio refletir a Luz Divina na matéria, ou ainda uma luminosa postura virtuosa no meio em que exerce suas ações. A metáfora da Lua Cheia indica, portanto, o estado em que o buscador da verdade se encontra em plena comunhão com o que é divino em si, sendo capaz de refletir, ou transmitir, a sabedoria em seus atos ao mundo material.

As fases que a Lua percorre, desde o estado de nova até cheia, representam a jornada do buscador da verdade, que desde as fases de escuridão e sublimação, atinge o ponto máximo de iluminação e conhecimento. E como a natureza é organizada por ciclos espirais ascendentes, após a fase de Cheia a Lua representa um ocaso de hibernação para iniciar um novo ciclo. Assim o adepto deve ter a consciência de que após um ciclo de aprendizado pleno na ação efetiva, vem uma fase de autoanálise e recomeço de um novo ciclo de aprendizado.

Mircea Eliade escreve que a Lua é um

“astro que cresce, decresce e desaparece, cuja vida depende da lei universal do vir-a-ser, do nascimento e da morte... a lua conhece uma história patética, semelhante à do homem... mas sua morte nunca é definitiva... Este eterno retorno às suas formas iniciais, esta periodicidade sem fim, fazem com que a Lua seja por excelência o astro dos ritmos da vida... Ela controla todos os planos cósmicos regidos pela lei do vir-a-ser cíclico: águas chuva, vegetação, fertilidade...” (*Tratado da História das Religiões*)

Sendo também um símbolo dos ritmos biológicos, ela estabelece um parâmetro cultural importante, que expressa o tempo vivo, do qual ela é a medida, por suas fases regulares. Todos os ciclos regidos pela Lua, todas essas simetrias temporais e periódicas, foram percebidas intuitivamente pelos seres, desde os primórdios, marcando um dos primeiros parâmetros naturais de identificação do homem com os ciclos arquetípicos que regem e regulam a natureza.

Por três noites, durante a fase de nova, a Lua tem seu brilho anulado. Neste período ela simboliza aquele que está morto, que desapareceu do mundo manifestado e que voltará a vida após um período de renovação, como já dito. Aqui ela se identifica com o neófito em provação, com o aprendiz que desce aos submundos obscuros em busca da luz iniciática, ou com o Mestre que foi morto e ocultado e desperta em um novo mundo.



Globalmag
EQUIPAMENTOS

Identificando-se com o que é frio e indireto, a Lua também simboliza o conhecimento teórico, antítese das ações práticas. Aqui a Lua se relaciona ao simbolismo da coruja, animal noturno e vigilante, capaz de ver sob as trevas, e que expressa simbolicamente as qualidades da razão.

O elemento água se relaciona a Lua. Estatisticamente as chuvas vem em maior precipitação durante as fases de mudança, especificamente sob a cheia. Nesta fase, isso se processa devido a um aumento da pressão barométrica, o que resulta em maior capacidade da atmosfera em reter humidade, e consequentemente mais chuva. Esta relação profunda com a água, percebida desde os primórdios, relaciona a Lua com a fauna e flora aquáticas, com a produção de água, que irriga e floresce as colheitas e, consequentemente, com a fecundidade. As águas primordiais simbolizam o oceano de onde procede o mundo manifestado, o que justifica a Lua símbolo da fecundidade. Em algumas tradições a Lua também é chamada de Soma – a taça – que contém o líquido criador da imortalidade. Aqui fazemos relação da Lua com o útero materno, que contém a capacidade de gerar a manifestação do espírito na matéria.

As divindades femininas possuíam forte importância junto as tradições culturais antigas, e a Lua tem forte relação com o princípio feminino representado pelas deusas, tais como Isis, no Egito antigo, Artemis na Grécia, e Diana em Roma, dentre muitas outras. Nesse contexto, a Lua Cheia é o símbolo do auge do poder feminino, expressando fertilidade, intuição e sabedoria. Por séculos os cultos solares prevaleceram e a figura do Deus-Pai ofuscou a importância que o sagrado feminino deve ter para que haja o devido equilíbrio entre os opostos na natureza e na psique humana em particular. E como vivemos em um universo regido pela dualidade, está deve se fazer presente na construção do ser integrado à natureza. Para a tradição hermética, este equilíbrio é muito valorizado. Durante a Lua Cheia o princípio feminino está em sua maior força e na Lua Nova o que prevalece é o masculino. Muitas manifestações religiosas resgatam a presença da *mãe do mundo* como fator imprescindível na formação do ser integral.

Muitas tradições relacionam a Lua com alguma divindade ou com um ciclo natural, expressando positividade ou negatividade. No hinduísmo ela é o emblema de Shiva, a divindade transformadora, e regenerativa do universo. Ela também é relacionada a Diana e Hécate (na tradição romana antiga), que se identificam, respectivamente, às portas do céu e do inferno, conforme a tradição do deus Janos, que tem suas

faces voltadas aos opostos. Para os chineses a Lua é relacionada ao princípio feminino Yin, símbolo da fecundidade. Entre os povos pré-colombianos ela assume muitos aspectos, mas no geral a relacionavam a criação e ao princípio formador das águas, a fecundidade e a proteção do princípio feminino em todas as coisas.

Em algumas culturas, no entanto a Lua é vista como uma divindade de natureza masculina. Otto Zerries, em sua obra *“Os princípios arcaicos dos povos sul-americanos”*, cita o caso dos índios gês do Brasil, para os quais a Lua é uma divindade de natureza masculina, e que não possui nenhuma relação com o Sol. Para alguns povos semitas a Lua é do sexo masculino e o Sol feminino, haja vista que algumas tribos nômades costumavam viajar a noite e tinham a Lua como seu guia e protetor. Inclusive a mudança periódica lunar inspirou os Judeus a adotá-la como seu símbolo, haja vista que durante muitos milênios foram um povo errante e que muitas vezes precisou modificar seu rumo migratório com regularidade, tal como a Lua o faz em seu deslocamento zodiacal anual.

O poeta Rumi escreve: *“O Profeta reflete Deus como a Lua reflete a Luz do Sol. Também o místico que vive do brilho de Deus, se parece com a Lua, pela qual se guiam os peregrinos de noite”*; sendo que na tradição islâmica a Lua adquire importante simbolismo, como um dos signos do poder de Alá e do cânone islâmico. Ela representa também a morte e a ressurreição (o crescente lunar).

A tradição hermética também considera a Lua Cheia como manifestação do inconsciente, da intuição e do lado mais emocional da psique humana. Indica também o momento de maior receptividade espiritual, em que as mensagens intuitivas e simbólicas do inconsciente se tornam mais claras. Neste período ocorre a gestação das ideias e da sabedoria oculta, que tende a se revelar de forma plena. A tradição celta acreditava que dormir ao relento sob a Lua Cheia, potencializa o contato com o mundo espiritual, daí a tradição de se construir *“torres de sonho”*, onde o adepto dormitava e na alvorada recebia importantes ensinamentos e presságios desde o mundo sutil.

Outro aspecto interessante é o que relaciona a superfície lunar a todo um bestiário, segundo o que dita a imaginação de diferentes povos. Assim, cães, lebres, raposas, jaguares, ou até mesmo figuras humanas são indicadas como presentes na superfície lunar. Durante os eclipses lunares – quando a sombra da Terra obscurece a Lua – algumas culturas acreditam que a Lua está sendo devorada por alguma entidade extracósmica, razão pela qual fazem enorme



Globalmaq
EQUIPAMENTOS

estardalhaço para afugentar a criatura (*este que escreve presenciou manifestações desse tipo, em sua já longínqua infância*).

A Lua faz a volta completa no ciclo zodiacal em 28 dias. Assim, inicialmente a horoscopia era realizada levando em consideração o ciclo lunar, ao contrário da moderna astrologia, a qual considera o ciclo do Sol no zodíaco.

Este ciclo de 28 dias é considerado fator de suma importância em muitas tradições também. Sidarta Gautama meditou por 28 dias sob a figueira de Bodhi antes de atingir a iluminação do nirvana. Também entre os brâmanes existem 28 estados angélicos antes de se atingir a plenitude. Para os hebreus, as 14 falanges da mão direita têm relação com a Lua crescente e serve para abençoar, já as 14 da esquerda se relacionam com a mão esquerda e a lua minguante, simbolizando as maldições que esta pode lançar. As duas mãos juntas, com suas 28 falanges, são o símbolo do ciclo lunar.

O ciclo lunar remete aos de nascimento, crescimento, declínio, morte e renascimento. Para a tradição hermética o ciclo dos seres também se processa pela antítese entre o crescimento espiritual e escuridão e eventualmente iluminação. A Lua Cheia é identificada com a culminância desses ciclos, como se fosse um ponto de equilíbrio entre as forças opostas do universo.

As práticas alquímicas, muito presentes na tradição hermética tratam a Lua Cheia como a conclusão da obra, o instante em que o alquimista alcança a transmutação final. Assim a obra alquímica e o ciclo lunar se dariam da seguinte forma: a Lua Minguante e a Lua Nova estão interligadas ao “nigredo” ou a fase negra da decomposição alquímica. A Lua Crescente representa o “albedo” e a “citrinitas”, a fase de purificação e da iluminação; e por fim a Lua Cheia simboliza o “rubedo”, a fase final, quando a transmutação ocorre e a matéria é efetivamente transformada no ouro espiritual.

LUZ E SOMBRA: INTEGRAÇÃO DOS OPOSTOS

O universo apresenta uma constante tensão entre opostos. A luz e a escuridão, a consciência vigílica e o inconsciente, o espírito e a matéria são exemplos de onde podemos intuir esse embate. Quando a Lua Cheia ilumina o céu noturno, isso por si só constitui uma metáfora significativa da integração desses opostos, que temporariamente se tornam um. Esta harmonia temporária deverá ser definitiva quando o processo de autoaperfeiçoamento se concretizar, naquele que busca a verdade. É quando ocorrer a

sublimação espiritual e a união do microcosmo humano com o macrocosmo universal. Esta união se constitui em um processo interno, que se dará no âmbito consciencial de cada um, e que encontrara a divindade dentro de si, evocando um dos princípios herméticos elementares: o da correspondência.

O processo hermético passa por esse reconhecimento de que a luz não pode existir sem o seu oposto. Desta forma, a Lua Cheia se torna um símbolo desse processo de unificação, no qual o sábio reconhece tanto os seus aspectos luminosos quanto os sombrios, de sua própria natureza. Então o brilho da Lua Cheia revela ao iniciado a escuridão que existe ao seu redor, indicando o conhecimento que ilumina as profundezas do inconsciente.

No simbolismo Maçônico, a Lua e o Sol são equilibrados pelo Venerável Mestre, fator de equanimidade entre os opostos, e que é o fiel da balança da justiça junto as antíteses, e que conduz a harmonia do Templo. Outro fator importante remete aos trabalhos maçônicos no âmbito do silêncio, da iluminação indireta, do mistério, e do equilíbrio entre luz e sombra.

Tal como no processo de transmutação alquímica, a Lua representa o processo de sublimação do Maçom. Ela não somente conduz o estudioso no caminho da iluminação, mas também indica a importância da postura intuitiva, silenciosa e reflexiva que todos devem assumir quando em Loja, o que auxilia na criação do templo interno que cada Maçom constrói em sua jornada.

CONCLUSÃO

O ato de contemplar a Lua, livre das amarras da razão, deixando fluir apenas a intuição, nos proporciona epifanias profundas acerca da uma realidade oculta e muito particular a cada um. Este assombro ante a grandiosidade da criação fala direto a nossa alma imortal, e pode contribuir para a união e harmonia em cada ser, que é necessária para a construção do Templo Interno. Ali, neste mundo de percepção diferenciada, o sábio buscador da verdade encontra iluminação e transmutação, ao ouro dos filósofos.



Globalmaq
EQUIPAMENTOS

MEU NOME HISTÓRICO: FREI CANECA

Por: Alexandre Fortes



Joaquim da Silva Rabelo, depois Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo, popularmente conhecido como Frei Caneca (Recife, 20 de Agosto de 1779 — Recife, 13 de Janeiro de 1825), foi um escritor, clérigo católico e político brasileiro. Esteve implicado na Revolução Pernambucana (1817) e foi líder e mártir da Confederação do Equador (1824). Como jornalista, esteve à frente do *Typhis Pernambucano*. No *Typhis Pernambucano*, jornal fundado em 1823, tinha um caráter libertário, cuja frase ficou imortalizada: **“Quem bebe da minha caneca, tem sede de liberdade”**. E teve como objetivo difundir as ideias de liberdade em Pernambuco.

Conhecido por Frei Caneca porque, na infância modesta, vendia canecas nas ruelas pobres de Recife, no período do Brasil Colônia, Joaquim do Amor Divino Rabelo ordenou-se em 1799, no Convento do Carmo, e foi professor de geometria, retórica, poesia, filosofia e moral.

Frei Caneca era filho primogênito de um tanoeiro português, Domingos da Silva Rabelo, e de sua esposa, Francisca Maria Alexandrina de Siqueira. A família residia na cidade do Recife, mais precisamente no povoado de Fora-de-Portas, edificado ao tempo das invasões holandesas para o serviço do porto, de vocação artesanal e marcadamente portuguesa. A sua mãe tinha um primo carmelita, o que pode explicar que se tenha tornado noviço do Carmo e tomado o hábito em 1796, no Convento de Nossa Senhora do Carmo, onde professou no ano seguinte (1797).

Joaquim da Silva Rabelo, ordenou-se em 1801, com a necessária dispensa apostólica de idade, pois tinha 22 anos, e passou a ser conhecido como *Joaquim do Amor Divino Caneca*, sendo este último nome uma homenagem ao seu pai, que fabricava vasilhames. Criado o Seminário de Olinda,

obteve autorização para cursar ali as disciplinas que a Ordem não lhe havia oferecido. Frequentava a biblioteca do Seminário e a dos Oratorianos, no Recife, formando a sua notável erudição. Em 1803 foi nomeado professor de Retórica e Geometria do seu convento, onde leccionou posteriormente Filosofia racional e moral. A partir de certo momento, o seu interesse extrapolou os muros do claustro, como indica o seu provimento na cadeira pública de geometria da comarca de Alagoas. Ali permaneceu pouco tempo, dada a perspectiva de nomeação para idêntica cadeira no Recife, a qual não se concretizou pela Revolução de 1817.

MOVIMENTO EM PERNAMBUCO E PRISÃO NA BAHIA

Participou ativamente da chamada Revolução Pernambucana (1817), que proclamou uma República e organizou o primeiro governo independente na região. Não há referência à sua participação, diz Cabral de Mello, *“nos acontecimentos inaugurais da sedição de 6 de Março, como a formação do governo provisório. Assim é que da relação dos eleitores que o escolheram, não consta o seu nome. A sua presença só se detecta nas últimas semanas de existência do regime, ao acompanhar o exército republicano que marchava para o sul da província a enfrentar as tropas do conde dos Arcos, ocasião em que, segundo a acusação, teria exercido de capitão de guerrilhas.”* Era conselheiro do exército republicano do sul, comandado pelo coronel Suassuna. Com a derrota do movimento, foi preso e enviado para Salvador, na Bahia. Ali passou quatro anos detido, dedicando-se à redacção de uma gramática da língua portuguesa.

Libertado em 1821, no contexto do movimento constitucionalista em Portugal, Frei Caneca voltou a Pernambuco e retomou as atividades políticas. Durante a sua viagem, chegou a ser detido ainda na antiga cadeia de Campina Grande, na Paraíba.

Em 1821 esteve implicado no chamado movimento de Goiana, uma segunda sedição emancipacionista que, com apoio dos principais proprietários da mata norte e algodoeira da província, proclamou adesão às Cortes de Lisboa. Um exército de milícias rurais e da tropa de primeira linha marchou contra o Recife, sem ocupar a cidade. Os goianistas tão pouco conseguiram adesão substancial na mata sul. A “Convenção do Beberibe” consagrou em Setembro o “status quo”, prevendo que as juntas de Recife e de Goiana continuariam a atuar nas áreas sob seu controle, à espera de decisão das Cortes. Estas determinaram a eleição de uma Junta Provisória

e foi instalado o primeiro governo autônomo da província em Outubro de 1821.

A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Em 1823 durante o movimento conhecido como “Pedrosada”, Frei Caneca redigiu “O Caçador” e as “Cartas de Pítia a Damão”. Diz Cabral de Mello, página 29 da obra citada: “Na euforia que se seguiu à revolução liberal do Reino, as expectativas do comércio e da lavoura no tocante à redução da carga fiscal não eram menores do que no resto do Brasil. Eram talvez maiores, de vez que com a instalação da corte em 1808 ela fora sobrecarregada de novos tributos destinados inclusive à iluminação pública do Rio, prontamente revogados pela junta de Gervásio. (...) O estado de falência a que ficara reduzido o Banco do Brasil com o regresso de D. João VI e a criação das juntas provinciais haviam limitado seriamente a ação da Corte, que só dispunha dos recursos da alfândega e da província do Rio, de vez que as demais províncias também negaceavam. Destarte, a adesão do Norte ao imperador era sobretudo uma questão de premente carácter financeiro, o café não proporcionando até os meados dos anos 30 a principal rubrica da receita fiscal, a qual devia provir, por conseguinte, do açúcar e do algodão, produtos predominantemente nortistas.”

Em 1824, quando D. Pedro I dissolveu a assembleia nacional constituinte, passando a ter-se uma nova constituição outorgada no Brasil. As lutas políticas que opunham o poder local ao Império tomavam vulto cada vez maior em Pernambuco. No dia 2 de Julho de 1824, os líderes pernambucanos romperam definitivamente com o poder central. Anunciaram a formação de uma nova república — a Confederação do Equador — e pediram a adesão das outras províncias do Norte e Nordeste.

O movimento, no entanto, não obteve o apoio necessário. A adesão dos países estrangeiros, a princípio esperada, também não foi adiante. O movimento acabou sufocado, depois de muitas lutas sangrentas.

PRISÃO E EXECUÇÃO

Foi detido no exercício das suas funções de Secretário das tropas sublevadas, das quais era também orientador espiritual, pelas tropas imperiais a 29 de Novembro de 1824, sendo conduzido para o Recife.

Foi preso e levado para um calabouço. No dia de Natal do mesmo ano, foi transferido da sua cela a uma sala incomunicável, para receber a sentença. Muito foi feito para

que Caneca não fosse executado. Houve petições, manifestações de ordens religiosas, pedidos de clemência. Em vão.

Em 18 de Dezembro de 1824 ali foi instalada uma comissão militar sob a presidência do coronel Francisco de Lima e Silva (pai do futuro Duque de Caxias) para proceder ao seu julgamento sob a acusação do crime de sedição e rebelião contra as imperiais ordens de sua Majestade Imperial. Com plenos poderes para julgar e condenar sumariamente, o acusado foi condenado à morte por enforcamento. O próprio condenado descreveu o seu julgamento:

“No dia 20 fui eu conduzido perante o assassino tribunal da comissão de que eram membros o general Francisco de Lima e Silva, presidente; juiz relator, Tomás Xavier Garcia de Almeida; e vogais, o coronel de engenharia Salvador José Maciel, o tenente-coronel de caçadores Francisco Vicente Souto; o coronel de caçadores Manuel Antônio Leitão Bandeira; o conde de Escragnole, que foi o meu interrogante”.

A 13 de Janeiro de 1825, foi armado o espetáculo do enforcamento diante dos muros do Forte das Cinco Pontas (Forte de São Tiago das Cinco Pontas, no Recife, Brasil). Despojado do hábito religioso, ou seja, “desautorado das ordens” na igreja do Terço, na forma dos sagrados cânones”, ainda assim tendo três carrascos que se recusaram a enforcá-lo. A Comissão Militar ordenou o seu arcabuzamento (Ação ou efeito de assassinar ou machucar através de tiros), (“visto não poder ser enforcado pela desobediência dos carrascos”), atado a uma das hastes da forca, por um pelotão sob o comando do mesmo oficial. O seu corpo foi colocado num caixão de pinho e deixado no centro do Recife, em frente ao Convento das Carmelitas, junto a uma das portas, de onde os padres o recolheram e enterraram num local até hoje não identificado.

O muro contra o qual o religioso foi fuzilado, vizinho ao Forte das Cinco Pontas, continua de pé. O local está marcado por um busto e por uma placa alusiva, colocada pelo Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano em 1917. Da iconografia sobre Frei Caneca, a obra mais conhecida do público é Execução de Frei Caneca, de Murillo La Greca.



**JC BECKMAN
ENGENHARIA**

(91) 98124-5251

JCBECKMANENGENHARIA@GMAIL.COM



A Execução de Frei Caneca, 1924. Óleo sobre tela de Murillo La Greca. Acervo do Museu Murillo La Greca (Recife)

ALGUNS REGISTROS INTERESSANTES SOBRE FREI CANECA COMO MAÇOM...

Embora numa época em que tanto pertencer à Maçonaria, quanto estar sob circunstâncias políticas revolucionárias libertárias eram altamente sigilosas, verificou-se, dentre tantas ocorrências, registros do reconhecimento histórico de que Frei Caneca era Maçom, destacamos em Mártires Pernambucanos; Pequena História da Maçonaria no Brasil:

“Segundo o padre Dias Martins na sua Obra “Mártires Pernambucanos”, em 1801, Caneca já ordenado foi iniciado na Loja Academias de Suassuna, já o Irmão João Ferreira Durão diz no seu livro “Pequena História da Maçonaria no Brasil” que ele foi iniciado no Areópago de Itambé, mas não informa o ano. O Frei participou também ativamente da Revolução Pernambucana, levante de carácter emancipacionista em 1817 e neste mesmo ano foi preso e levado a Salvador, onde cumpriu pena até 1821”.

Como Maçom e um dos principais líderes do movimento revolucionário de 1824 – Confederação do Equador – que visava congregar sob regime republicano as províncias do Nordeste, que se haviam rebelado contra os atos de D. Pedro I:

“Movimento de nitida inspiração maçônica, a Revolução de 1824 teve, como um dos seus principais líderes, o frei Caneca – Joaquim do Amor Divino Rabelo e Caneca -, frade carmelita, **Maçom** e republicano, que já havia sido um dos expoentes da Revolução Pernambucana de 1817 e que, entre Dezembro de 1823 e Agosto de 1824, fez intensa pregação republicana em 29 números do Typhis Pernambucano,” jornal que publicou no Recife, desferindo campanha contra o imperador, desde a dissolução da Constituinte e a imposição da Constituição de 24 de Fevereiro de 1824.” (Pequena História da Maçonaria no Brasil – William Almeida de Carvalho. REHMLAC – Vol. 2, N° 1, p. 37. 2010). (Negrito nosso)

Como Maçom e iniciado na Loja Maçônica Academia de Suassuna e filiado na Loja Maçônica Academia do Paraíso:

“Joaquim do Amor Divino Rabelo foi iniciado **Maçom** na Loja Maçônica Academia de Suassuna e posteriormente **filiado** a Loja Maçônica Academia do Paraíso, que tiveram, ambas, as suas colunas reerguidas pelo Grande Oriente Independente de Pernambuco.”

“Partilhava ideias republicanas e **frequentou** a Academia do Paraíso, um dos centros de reunião daqueles que, influenciados pela Revolução Francesa e pela independência dos EUA, conspiravam contra o jugo português”.

Há o registro, embora sem acesso ao livro citado Mártires Pernambucanos do padre Dias Martins, pelo Grão Mestre Antônio do Carmo Ferreira no discurso proferido para as homenagens de Frei Caneca:

“Nessa Loja Academia de Suassuna, o Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, já ordenado em 1801, foi iniciado **Maçom**, conforme registro do padre Dias Martins, no seu livro Mártires Pernambucanos, publicado inicialmente em 1853. Nessa obra, o autor acrescenta terem ingressado na Ordem, na mesma Loja Maçônica, os senhores Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, irmão de José Bonifácio, e o padre Miguelinho.

Em 1823, **Frei Caneca entrega ao prelo as suas Cartas de “Pítia a Damão”, sendo que na X Carta demonstra profundo conhecimento sobre a Maçonaria, informando já haver lido 14 livros a seu respeito, faz-lhe muitos elogios,**

pede respeito à mesma e revela o progresso já então alcançado pela Ordem maçônica em Pernambuco.” (FERREIRA, 2013).

“Ele frequentou o Areópago de Itambé, uma loja maçônica criada pelo monsenhor Arruda Câmara, em fins do século dezoito. Deu aulas no Seminário de Olinda, fundado em 1800 e o maior centro irradiador de ideias democráticas do País, na época. Participou da Revolução de 1817 como um dos secretários do Governo Provisório de Pernambuco, e por isso amargou quatro anos de prisão na Bahia. Anistiado, voltou e apoiou o movimento constitucionalista de 1821 (Convenção de Beberibe), que expulsou o governador português Luís do Rego e decretou a autonomia desta província, um ano antes do resto do Brasil. E a sua influência foi crescendo cada vez mais”.

Por Arthur Feitosa Vieira Monteiro, em *O Buril*:

“Em continuação no seu discurso, o Grão-Mestre afirma que o renomado Jornalista Mário Melo, com assento na cadeira Frei Caneca na academia Pernambucana de Letras confirmou a iniciação maçônica de Frei Caneca:

“Anos depois, esta notícia da iniciação maçônica do Frei Caneca é confirmada pelo jornalista Mário Melo, Secretário do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, no seu livro “Maçonaria no Brasil, Prioridade de Pernambuco”, publicado em 1909.” (FERREIRA, 2013).

Ainda segundo Arthur Feitosa Vieira Monteiro, em *O Buril*, nas pesquisas acadêmicas, foi evidenciado o conhecimento de termos e conceitos da Maçonaria pelo Frei Caneca, tais como Supremo Arquiteto do Universo, compasso, de acordo com a Carta V da Carta de Pídia a Damão de Frei Caneca:

“[...] Pela geometria conhecemos evidentemente a existência do Supremo arquiteto do universo; pela geometria admiramos a sua infinita sabedoria no sistema de criação, a sua Providência no andamento regular da natureza; pela geometria domamos a fúria do oceano, dirigimos a força dos euros, penetramos os abismos, e subimos os astros; ajustamos os impulsos do nosso coração com os ditames da reta razão; proporcionamos os trabalhos às nossas forças, os remédios às moléstias, às penas aos delitos, os prêmios às virtudes; pela geometria equilibramos os movimentos das grandes massas das nações, regularizamos o valor dos povos e o seu entusiasmo.

Todas as coisas que não entram a régua e o compasso da geometria são desregradas e descompassadas, são monstruosas.” [p. 222]. (Os escritos políticos de Frei Caneca

– PUC – CD 0710591/CA – p.28, apud Carta de Pídia a Damão de Frei Caneca).

Em outro trecho da Carta, percebe-se a defesa dos ideais maçônicos e liberdade política, com a valorização da defesa da independência e liberdade política, que a Maçonaria cultua ao indivíduo:

“A franco-maçonomia está mais adiantada [...] porque está aqui [em Pernambuco] há mais tempo estabelecida e mais acreditada pela sua antiguidade no universo, universalidade na Europa, grandes personagens que nela têm figurado, pelos bens que há feito à humanidade, mormente no tempo da Revolução Francesa, e de presente da nossa independência e liberdade política.” [p.287].(Os escritos políticos de Frei Caneca – PUC – CD 0710591/CA – p.29, apud Carta de Pídia a Damão de Frei Caneca).

Constata-se a afinidade do Frei Caneca com os ideais maçônicos que convergem para esclarecimento político e social na época revolucionária com os seus interlocutores revolucionários:

“O pertencimento a esta “sociabilidade maçônica” faz-se de maneira direta entre os interlocutores de Frei Caneca, entre os quais: Cipriano José Barata de Almeida, da Bahia; Joaquim Gonçalves Ledo, jornalista do Rio de Janeiro; Domingos José Martins e Antônio Gonçalves da Cruz, importantes lideranças de 1817. Podemos afirmar a participação de Frei Caneca junto a sociabilidade e ideais difundidos na Maçonaria, ainda que o mesmo não tenha se filiado diretamente na Maçonaria.” (Os escritos políticos de Frei Caneca – PUC – CD 0710591/CA, p. 31)”

Frei Caneca, Frei da Ordem Carmelita, foi um Maçom de ideais libertários, exerceu o posto de capitão de guerrilhas e participou ativamente na Revolução Pernambucana em 1817 e ajudou a organizar o primeiro governo. Libertado em 1821. Em 1824 foi detido nas funções de secretário das tropas sublevadas e orientador espiritual, foi preso pelas tropas imperiais e executado por fuzilamento em 1825.



OS AUTORES

O CUBO DE SATURNO

Ir.: M.:I.: Dhyego Alessandro F. da Costa
A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA

OTZ DAATH – A ÁRVORE DA MORTE

Ir.: M.:I.: Richard Dylan Silva
A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA

ESQUADRO E COMPASSO

Ir.: C.:M.: Leandro Souza de Alexandria
A.:R.:L.:S.: AURORA – 0242 – GOB-PA

A INSTRUÇÃO E A TOLERÂNCIA COMO INSTRUMENTOS PARA A LIBERDADE

Ir.: M.:I.: Fábio Costa de Oliveira Neves
A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA

O SISTEMA DE JACOB BOHEME E A MAÇONARIA

Ir.: M.:I.: Emanuel Tadeu Coutinho MACHADO
A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA

SINTESE DO GRAU DE COMPANHEIRO MAÇOM

Ir.: M.:I.: Márcio Ney de Parijós
A.:R.:L.:S.: AURORA – 0242 – GOB-PA

CAMINHO DA LUZ – 4º GRAU

Ir.: M.:M.: Mário Sérgio S. do Nascimento
A.:R.:L.:S.: AURORA – 0242 – GOB-PA

O SIMBOLISMO HERMÉTICO DA LUA CHEIA

Ir.: M.:M.: Emanuel Tadeu Coutinho Machado
A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA

MEU NOME HISTÓRICO: FREI CANECA

Ir.: M.:I.: Alexandre Fortes
ARLS CÍCERO VELOSO N° 4543 – GOB-PI



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235
FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO PARÁ
TV. PADRE EUTÍQUIO, 837